

Sexualidade

o tumulto das
diferenças

30^o CONGRESSO
BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

ORGANIZADORAS

ANA CLARA DUARTE GAVIÃO
ANA CLÁUDIA ZUANELLA
SILVANA TORRES

Blucher

SEXUALIDADE
O tumulto das diferenças

Organizadoras

Ana Clara Duarte Gavião

Ana Cláudia Zuanella

Silvana Torres

Sexualidade: o tumulto das diferenças

© 2025 Ana Clara Duarte Gavião, Ana Cláudia Zuanella, Silvana Torres (Organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Juliana Midori Horie

Preparação de texto Ariana Corrêa

Revisão de texto e diagramação Equipe editorial

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Febrapsi Dep. de Divulgação

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da *Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Sexualidade : o tumulto das diferenças / organizado-
ras Ana Clara Duarte Gavião, Ana Cláudia Zuanella,
Silvana Torres. São Paulo : Blucher, 2025.

700 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2614-7 (Impresso)

1. Psicanálise. 2. Orientação sexual. 3. Identidade
de gênero. 4. Sexualidade e gênero – Psicanálise. I.
Título. II. Gavião, Ana Clara Duarte. III. Zuanella, Ana
Cláudia. IV. Torres, Silvana.

CDD 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	11
Introdução	13
<i>Luiz Celso Toledo</i>	
1. Sexualidade, o tumulto das diferenças: de Freud à contemporaneidade	17
<i>Maria Elizabeth Mori</i>	
2. Diversidade sexual e de gênero: desafios postos à psicanálise na contemporaneidade	33
<i>Almira Correia de Caldas Rodrigues</i>	
3. 52 gêneros: guarda-chuvas para angústias identitárias?	47
<i>Maria Thereza de Barros França</i>	
4. Sexualidade e gênero: indagações	65
<i>Regina Elisabeth Lordello Coimbra</i>	
5. Conjecturas imaginativas e fatos	72
<i>Celso Antonio Vieira de Camargo</i>	
6. A mente do analista e barreiras autísticas em pacientes neuróticos: uma mudança de paradigma	80
<i>Celia Fix Korbivcher</i>	

7. Sobre o feminino	90
<i>Claudio Castelo Filho</i>	
8. Homossexualidade à luz da psicanálise: uma reflexão	111
<i>Philippe Almeida Spolti</i>	
9. Homossexualidade, homofobia e psicanálise: comentário	120
<i>Patrícia Lima de Oliveira</i>	
10. Corpo e psiquismo da mulher na menopausa: um estudo psicanalítico	125
<i>Úrsula Miotti</i>	
11. Tumultos da psicosexualidade, da feminilidade e da finitude	
Comentários sobre o trabalho “Corpo e psiquismo da mulher na menopausa: um estudo psicanalítico”, de Úrsula Miotti (GEPSC)	141
<i>Ana Clara Duarte Gavião</i>	
12. Quantas cores tem o arco-íris?	150
<i>Luis de Paiva Silva</i>	
13. Diferenças anatômicas entre os sexos têm alguma coisa a ver com as identidades sexuais?	155
<i>Augusto M. Paim, Ignácio A. Paim Filho</i>	
14. O corpo que habito: a singularidade das configurações psicosssexuais	172
<i>Lidia Queiroz Silva Magnino</i>	
15. Tumulto: tumor, dor, amor	183
<i>Denise Lea Moratelli</i>	
16. Navegando nas marés das diferenças: tumulto, tormentos e tormentas	189
<i>Nelson José Nazaré Rocha</i>	
17. Quero fechar o meu amor na mão: raízes do desejo e da sexualidade	196
<i>Adriana Maria Nagalli de Oliveira</i>	
18. As múltiplas dimensões de Édipo	204
<i>Vera Lamanno-Adamo</i>	
19. Corações dilacerados: breve comentário de “As múltiplas dimensões de Édipo”, de Vera Lamanno Adamo	213
<i>Maria Carolina Scoz</i>	

20. Sexualidade: o tumulto das diferenças – Que tumulto é esse? <i>Ângela Piva</i>	223
21. Sexualidade: o bem-vindo tumulto das diferenças <i>Maria Cristina Garcia Vasconcellos</i>	231
22. Sobre a bissexualidade: que tumulto é esse? <i>Daniela Bormann Vieira</i>	241
23. Depois de Freud, o que mudou na sexualidade? <i>Gley P. Costa</i>	246
24. Desde Freud, o que mudou na sexualidade <i>Marli Bergel</i>	252
25. Identificação e introjeção: diálogo entre Freud e Ferenczi para a constituição do sujeito e das escolhas objetais <i>Osvaldo Luís Barison</i>	260
26. Sexualidade infantil e bissexualidade nas análises com pacientes adultos: fantasias subjacentes <i>Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini</i>	272
27. Psicanálise e as neossexualidades <i>Heleny Silvia S. Romero</i>	279
28. Identificações sexuais: caminhos do desejo <i>Jurenice Picado Alvares</i>	289
29. Como lidamos com as nossas instituições? <i>Luiz Celso Toledo</i>	301
30. (Homo)sexualidades e as instituições: entre teorias e silêncios <i>Hemerson Ari Mendes</i>	309
31. Sexualidade na clínica: do instinto à pulsão <i>Bruno Salesio S. Francisco</i>	326
32. Toda nudez ainda será castigada? <i>Berta Hoffmann Azevedo</i>	334

33. Transferência (contratransferência) e sexualidade <i>José Francisco Rotta Pereira</i>	343
34. Resumo do caso clínico Dora – Freud 1905 <i>Juliano Romano Porto</i>	349
35. Sobre o caso Dora <i>José Luiz Meurer</i>	359
36. Sexualidade, gênero, sexo e o Sexual <i>Marília Macedo Botinha</i>	363
37. O Édipo simples e o Édipo complexo: algumas conjecturas sobre a complexidade na psicanálise <i>Renato Trachtenberg</i>	368
38. Em torno da cena: sexualidade, arte e psicanálise <i>Magda Guimarães Khouri</i>	394
39. Arte e sexualidade <i>Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis</i>	404
40. O masculino em turbulência <i>Sergio Eduardo Nick</i>	411
41. A relação espectral tumulto ↔ harmonia, a construção do olhar e a possibilidade da palavra que toca o coração <i>Andreas Zschoerper Linhares</i>	422
42. A mulher que não estava lá <i>Sonia Regina Saborido Gazziero</i>	436
43. As múltiplas faces da sexualidade: entre o desejo, o pensamento e o inacabado. Um ensaio psicanalítico <i>Sérgio Seishim Kaio</i>	443
44. Ilusões da igualdade: espelho e realidade <i>Márcio Antônio Johnson</i>	453
45. O anatômico e o psíquico: do tumulto das diferenças às funções feminina e masculina da mente <i>Cleuza Mara Lourenço Perrini</i>	461

46. Pornografia e subjetividade: reflexões psicanalíticas	474
<i>Silvana Marta Santos Torres</i>	
47. Pensando em histórias que me contaram	484
<i>Solange Luiz Caldas dos Santos</i>	
48. Buscas incessantes: o abrigar em mim e o habitar-se em si mesmo	490
<i>Marina Vidal Stabile</i>	
49. Caso Dora: os tumultos da escuta	500
<i>Ana Cláudia Zuanella</i>	
50. Identidade de gênero – sua importância na prática analítica: uma visão teórica	508
<i>Rui Hansen de Almeida, Rosely C. Brajerterman Lerner</i>	
51. Novas formas de subjetivação na clínica	519
<i>Susana Salete Raymundo Chinazzo</i>	
52. Trans-adolescências: indagações a partir da clínica	530
<i>Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira, Cassiane Crestani</i>	
<i>Haydée Cortes de Barros Silveira Piña Rodrigues</i>	
<i>Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos, Maria Noel Brena Sertã</i>	
53. Bissexualidade e subjetivação	540
<i>Fabio F. Lopes</i>	
54. Primeiro, não cause danos: reflexões adicionais sobre o distúrbio de identidade de gênero em crianças e adolescentes	552
<i>David Bell</i>	
55. Sexualidades	568
<i>Adalberto A. Goulart</i>	
56. Da neurótica ao inconsciente: a sexualidade na psicanálise	579
<i>Maria Arleide da Silva</i>	
57. Constituição da sexualidade humana: visão a partir do bebê	586
<i>Maria Cristina Dias</i>	

58. O tempo do paradoxo: sobre os sofrimentos de gênero na criança e no adolescente	591
<i>Sandra Trombetta</i>	
59. Ensaio sobre os vínculos amorosos	603
<i>Alirio Dantas Jr.</i>	
60. Perversão e poder	608
<i>Valton de Miranda Leitão</i>	
61. Trauma, abusos sexuais e pedofilia	617
<i>Sônia Maria Carneiro de Mesquita Lobo</i>	
62. As pesquisas sexuais em pessoas com síndrome de Down	626
<i>Francisco Helder Lima Pinheiro Junior</i>	
63. Freud e Winnicott: cada qual no seu tempo	
Fases do desenvolvimento infantil com aportes da Observação de Bebês-Método Esther Bick	642
<i>Lúcia Moret</i>	
64. Édipo polimorfo precoce: fenômenos identitários, subjetivação e questões de gênero na contemporaneidade	654
<i>David Léo Levisky</i>	
65. O amor e a sexualidade na velhice	673
<i>Cláudio Laks Eizirik</i>	
Sobre os autores	685

Apresentação

Com um forte senso de comprometimento, nossa colaboração para o livro *Sexualidade: o tumulto das diferenças* (Febrapsi 2025) floresceu a partir da união das nossas experiências e perspectivas únicas. Criamos um espaço fértil para o desenvolvimento de ideias e a troca de saberes.

Esse trabalho a seis mãos é um reflexo da dedicação de cada uma de nós, que, por meio de nossas diferenças, conseguimos nos complementar, enriquecendo o processo de organização e seleção dos mais de 60 trabalhos apresentados nas 17 jornadas preparatórias para o Congresso Brasileiro de Psicanálise. Essa diversidade não apenas reflete a pluralidade da psicanálise brasileira, mas também evidencia a importância da colaboração mútua na construção de um conhecimento que se deseja amplo e inclusivo.

Nossa dedicação foi essencial para que o livro se tornasse não só uma coletânea de textos, mas um mosaico que reflete a riqueza das vozes e das experiências dos nossos colegas. O resultado é uma obra que não apenas documenta, mas também celebra as diversas abordagens e contribuições que formam o campo da psicanálise no Brasil, reforçando a importância da união em torno de um objetivo comum.

Ana Clara Duarte Galvão

Ana Cláudia Zuanella

Silvana Marta Santos Torres

Organizadoras

Introdução

Luiz Celso Toledo

Desde os primeiros dias da história da psicanálise, Freud procurou colegas para conversar a respeito da clínica, de seus achados e impasses, dos desenvolvimentos teóricos e da organização do que viria a ser o movimento psicanalítico. Breuer foi um interlocutor fundamental. Fliess foi outro amigo com quem as primeiras hipóteses, avanços e dificuldades foram debatidas e aprofundadas. Ao longo do tempo, viriam Jung, Lou-Salomé, Ferenczi, os colegas da Sociedade Psicanalítica de Viena. Então, finalmente, a International Psychoanalytical Association (IPA). Depois dos anos de “esplêndido isolamento”, Freud valorizou os grupos com os quais se encontrava para conversar e dividir achados e hipóteses clínicas.

É curioso notar que Freud chamava de congressos as suas viagens com o amigo Fliess, quando ambos se dedicavam a trocar ideias sobre temas que os interessavam, muitos anos antes de qualquer evento psicanalítico institucionalmente organizado. O sonho dos congressos já era uma realidade para ele desde os primórdios da psicanálise.

Esse gosto pelo encontro e pelo debate não se restringiu às relações com os colegas, trata-se de uma característica básica e marcante da forma como Freud escrevia. É parte fundamental de seu estilo. O leitor habitual de Freud sabe que seus textos são habitualmente apresentados como encontros com interlocutores imaginários. Freud nos convida a participar dos bastidores conturbados da criação, não nos oferece um prato pronto. No mesmo texto, nos deparamos com uma voz que sustenta uma ideia em um parágrafo e, logo no trecho seguinte, outra que a contesta com veemência. Em seguida, uma terceira voz pondera novas

possibilidades a partir das duas primeiras, então, surge uma quarta voz propõe caminhos para lidar com o impasse... e assim por diante.

Ler Freud é se deparar com um mundo interno riquíssimo, povoado por personagens que dialogam, se contrapõem, incentivam ou criticam e contribuem uns com os outros permanentemente, ininterruptamente. Mesmo quando trabalhava de forma solitária, ele pensava e redigia como se nos contasse a respeito de uma conversa entre colegas ou uma apresentação em um Congresso. Fomos apresentados, assim, a uma forma de trabalhar que não busca ser conclusiva, pelo contrário, se empenha em permanecer aberta a reformulações, não se furtando em admitir dúvidas e hesitações. Ler Freud é se encontrar imerso em um diálogo permanente sobre os temas psicanalíticos. Um debate franco, sempre disponível para revisões e ampliações.

Essa disponibilidade para seguir pensando sobre temas já publicados se dava inclusive com trabalhos já impressos que, ainda assim, seguiam vivos e inacabados. Décadas após uma publicação de seus textos, Freud ainda acrescentava novas notas de rodapé, sinal de que o debate íntimo continuava vivo e pulsante. Com isso, ele nos convida a questionar dogmas e teorias prontas e, sobretudo, a não nos acomodarmos diante do que já está estabelecido. Para Freud, a psicanálise sempre esteve viva e em constante desenvolvimento.

O leitor pode estar se perguntando – e com razão – por que estou abordando tudo isso ao iniciar esse livro. Pois bem, o ponto a ser destacado aqui é prosaico: psicanalistas precisam de companhia para trabalhar, seja o paciente (nosso melhor colega, já dizia Bion), sejam outros analistas ou profissionais de áreas afins. Há uma dimensão profundamente solitária em nosso cotidiano profissional, sem dúvida, mas também há uma dimensão grupo-institucional que foi e segue sendo fundamental, não apenas para Freud, mas para todo psicanalista.

É da continuidade dessa tradição, que tanto contribuiu para o crescimento da psicanálise, que se trata a cada vez que nos encontramos, a cada jornada, a cada evento preparatório, em cada Congresso.

O livro que você tem em mãos é o resultado de encontros realizados por entidades psicanalíticas ao longo dos anos de 2024 e 2025, ao longo do período de preparação para o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Durante esse biênio, colegas se reuniram de Norte a Sul para apresentar trabalhos, debater ideias e se debruçar sobre a temática escolhida pelos diretores científicos das dezenove federadas que atualmente compõem a Febrapsi, a Federação Brasileira de Psicanálise.

A razão de ser desses eventos era o desejo de congregar psicanalistas, profissionais de áreas afins e estudantes para pensar conjuntamente sobre a temática do encontro nacional, como um longo e criativo período de aquecimento. A temática do Congresso de 2025 seria: “Sexualidade: o tumulto das diferenças”. Voltaríamos ao Sul, onde se deu o primeiro Congresso Brasileiro de Psicanálise, para conversarmos sobre a sexualidade, que também foi tema do nosso primeiro encontro nacional, há exatos 56 anos.

Havia um clima de expectativa e de construção coletiva nos preparatórios, de abertura para o diálogo e descoberta do novo. Vários desses encontros terminaram sob protestos, ou porque o tempo estipulado havia se esgotado, ou porque o espaço reservado precisava ser desocupado. Invariavelmente, os colegas seguiam conversando sobre questões clínicas ou teóricas, sobre a nossa análise e sobre ideias para novos trabalhos após o término oficial, noite adentro. Os preparatórios, de fato, seguiram reverberando em cada participante.

O leitor verá que as federadas optaram por abordar a temática do Congresso por vértices diferentes. Conversamos sobre a sexualidade na obra de Freud, nas diferentes fases da vida, sobre as relações da psicanálise com os estudos de gênero, sobre a homossexualidade na relação entre o par analista-analisando, sobre os impasses de Freud frente a sexualidade de seus pacientes, dentre muitas outras possibilidades.

Em várias ocasiões, ao longo dos dois últimos anos, sentado na plateia, assistindo às apresentações de colegas, me peguei pensando sobre o privilégio de estar ali, ouvindo e aprendendo, observando a variedade e a riqueza de possibilidades do que pode ser desenvolvido a respeito da homossexualidade humana e dos tumultos que a caracterizam. Este livro oferece a oportunidade de dividir com os colegas e com o público mais amplo o que foi desenvolvido e trabalhado em cada uma dessas ocasiões.

Seja bem-vinda(o) ao debate, aproveite.

1. Sexualidade, o tumulto das diferenças: de Freud à contemporaneidade¹

Maria Elizabeth Mori

Acredito que eventos da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), que antecedem os nossos congressos brasileiros, são essenciais para estimular o pensamento, colocando-nos em contato antecipado com o tema psicanalítico escolhido pela nossa Federação.

O artigo “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (Freud, 1925/2011) completa 100 anos, neste ano de 2025, quando ocorrerá o 30º Congresso Brasileiro. Após muitos anos de prática clínica e elaboração teórica – e com o aumento do número de colaboradores – Freud sente-se justificado a comunicar seu achado “universal”. Ele afirma: “alguns resultados da pesquisa psicanalítica, resultados muito importantes, se demonstraram universalmente válidos” (p. 284).

Minha proposta neste capítulo, portanto, é problematizar essa ousadia epistemológica freudiana – a afirmação de universalidade ao se tratar de seres humanos – para pensar a sexualidade hoje.

1 Grande parte deste capítulo foi apresentado em mesa homônima no Evento Preparatório para o 30º Congresso da Febrapsi – “Sexualidade: o tumulto das diferenças” –, realizado pela Sociedade de Psicanálise de Brasília, nos dias 24 e 25 de maio de 2024. Agradeço à Diretora Científica da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), Daniela Prieto, pelo convite. O texto apresentado foi publicado originalmente pela *Revista Bergasse 19*, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), com o título “Sexualidade: de Freud à contemporaneidade”, a quem também agradeço pela autorização para a publicação neste livro.

O título do evento, “Sexualidade: o tumulto das diferenças”, traz a palavra *tumulto* como elo entre a sexualidade e as diferenças. Pensar o tumulto como algo que desde sempre envolve a sexualidade, de Freud à atualidade, parece-me bastante pertinente. Estudar, portanto, o referido artigo pode nos ajudar a refletir sobre o que, hoje, exige um novo olhar. Trata-se de seguir expandindo a teoria psicanalítica em diálogo com outros campos do saber, além de nos apoiarmos nas tantas outras psicanálises desenvolvidas por outros psicanalistas pós-freudianos.

Curiosamente, segundo os dicionários da língua portuguesa, *tumulto* é definido como uma manifestação barulhenta e uma explosão de rebeldia. Entre seus sinônimos, encontramos: assuada (conjunto de pessoas armadas para causar desordem, luta, arruaça, motim), confusão, movimentação, rebelião, alarido (grito de guerra, ruído de vozes, falatório, algazarra, gritaria), azáfama (grande pressa e ardor na execução de um serviço; intensa atividade e confusão), babel e balbúrdia. Como antônimos de *tumulto*, aparecem palavras como: calma, discrição, mudez, paz, quietude, remanso, repouso, serenidade, silêncio, sossego, tranquilidade, arrumação, coordenação, desconusão, disciplina, método, ordem, ordenação, organização e preceito.

São palavras que carregam uma ambiguidade: a depender do contexto em que são proferidas podem ser interpretadas como algo dentro ou fora da ordem do sentido, adequado ou inadequado, inserido ou não, circunstancialmente, na questão em análise. Promover ou apoiar o tumulto pode ser um ato necessário – capaz de causar alívio ou incômodo.

Hoje, a sexualidade está imersa nesse campo semântico. Mas, na verdade, sempre esteve. Refiro-me ao final do século XIX, quando Freud confrontou e tumultuou o pensamento moderno ao introduzir o conceito de inconsciente em sua clínica, buscando conferir-lhe um status científico. Explorou os afetos e desafetos vivenciados por ele, por suas pacientes – sobretudo mulheres – e pela cultura de sua época, direcionando seu olhar para a sexualidade humana e desenvolvendo seu pensamento. Diferentemente de um sexólogo, Freud desafiou o saber médico de seu tempo, sendo frequentemente rejeitado por seus pares ao afirmar que a sexualidade é infantil, polimorfa, perversa e bissexual.

Assim, vejo com bons olhos a ideia do tumulto contemporâneo e escolho adotar a seguinte acepção: trata-se de um momento de rebeldia, gritaria e movimentação em torno das possibilidades de se viver a sexualidade na contemporaneidade – nas diferenças que a envolvem ou das quais se origina, singularmente.

Nada mais psicanalítico! Considero necessário promover o debate para romper com alguns não ditos em relação à teoria pulsional freudiana, especialmente diante de sua proposta de universalização. Haveria, hoje, ideias que exigem uma mudança de termos para que sejam melhor definidas, evitando certos “maneirismos psicanalíticos”? Alguns conceitos não estariam pedindo revisão, diante das transformações culturais de nosso tempo?

Michel Foucault (1926/1984) aborda a sexualidade a partir de uma perspectiva histórica e crítica. Ele demonstra que, ao contrário do que geralmente se pensa, a repressão sexual não é uma constante na história da humanidade. Para o filósofo, a sexualidade é um dispositivo de poder voltado à normatização e regulação dos comportamentos. Daí a necessidade de descrever como a sexualidade foi transformada em objeto de análise e controle por meio de discursos e práticas sociais (Foucault, 1976/2020).

Thomas Laqueur (1990/2001) descreve a transição histórica do modelo do sexo único para o regime da diferença sexual entre dois sexos. A concepção da *carne única*, vigente da Antiguidade grega até a modernidade, sustentava que os dois gêneros – masculino e feminino – correspondiam a um único sexo. No entanto, esse sexo único não implicava simetria ou igualdade entre os corpos feminino e masculino. O corpo masculino era considerado o modelo perfeito, enquanto o corpo feminino era visto como sua versão invertida e imperfeita – com os mesmos órgãos, porém, localizados em posições “erradas”. O gênero, que mais tarde seria compreendido como uma categoria cultural, era então entendido como algo pertencente à ordem do natural. Ser mulher ou ser homem significava, sobretudo, ocupar um papel social, e não necessariamente possuir uma distinção orgânica entre dois sexos.

A sexualidade, especialmente a partir dos séculos XVII e XVIII, segundo Foucault (1976/2020), transformou-se em um campo estratégico de saber e poder, no qual instituições como a medicina e a pedagogia desempenham papéis cruciais. A partir de então, os corpos passaram a ser compreendidos com base na epistemologia da diferença sexual, que estabelece uma distinção irreduzível, binária e hierárquica entre dois sexos: estáveis, incomensuráveis, opostos e complementares.

Foi com as exigências de igualdade de direitos dos cidadãos, estabelecidas pela Revolução Francesa, que a hierarquia do homem sobre a mulher começou a ser questionada – lembrando que os binarismos são sempre compostos por dois polos assimétricos, em que um representa “algo” e o outro o “não algo”. No século

XIX, enquanto a cultura ocidental mantinha seu puritanismo no trato da sexualidade na vida pública, a ciência médica passou a tomá-la como um novo objeto de estudo e cuidado. Essa disciplina – a sexologia – articulou a sexualidade à subjetividade e posicionou o sexo como um fenômeno dado, enquadrado no regime do normal e do patológico. A heterossexualidade e a sexualidade reprodutiva foram estabelecidas como norma, enquanto a homossexualidade e as práticas sexuais não reprodutivas foram classificadas como desvios, patologias e perversões. Para Foucault (1976/2020), o controle sobre os corpos e os processos biológicos da vida (natalidade, mortalidade, saúde e longevidade) se estabelece por meio de novas tecnologias e procedimentos de poder centrados na qualidade de vida e na saúde. A categorização de comportamentos, por meio de diagnósticos médicos, estigmatizou e gerou angústia nos “doentes” e nos anormais-desviantes.

O binarismo sexual, junto com a heterossexualidade compulsória como norma e as hierarquias estabelecidas entre os gêneros, entrou em crise. Mais precisamente, isso ocorreu quando os movimentos feministas passaram a questionar a sociedade sobre os direitos das mulheres em comparação aos direitos dos homens. As mulheres começaram a se organizar ao longo da história de diversas maneiras e em diferentes momentos, com conquistas e retrocessos decorrentes de suas reivindicações. Os movimentos feministas organizados costumam ser chamados de “ondas”, nas quais determinadas pautas e questões se insurgiram e dominaram o debate na sociedade.

Mariana Pombo (2021) descreve como o movimento feminista, em suas diferentes ondas, desconstruiu o papel da sexualidade na contemporaneidade. A primeira onda feminista engloba as manifestações que ocorreram entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Trata-se de uma fase inicial, em que as mulheres lutavam pelos direitos mais básicos. Uma das grandes conquistas foi quando as sufragistas conseguiram conquistar o direito ao voto. Nessa fase, conhecida como “feminismo da igualdade”, o objetivo era equiparar os direitos entre homens e mulheres, como os direitos sociais, políticos, de cidadania, educação, trabalho, entre outros fundamentais.

Nesse mesmo período, no campo biopolítico da medicina moderna, surge a psicanálise como mais um dispositivo moderno de sexualidade. Para Foucault (1976/2020), a psicanálise foi a única a operar uma ruptura significativa com o grande sistema “perversão-hereditariedade-degenerescência”, ao valorizar a pulsão sexual e ao se afastar da interpretação de que a perversão seria um sinal inato

de degeneração nervosa. Freud (1905) ao afirmar que toda criança seria capaz de experimentar prazer de múltiplas formas, em diversas zonas do corpo e com múltiplos objetos, causa um verdadeiro abalo sísmico na cultura de seu tempo: desestabiliza a ideia da inocência infantil, desloca o centro reprodutivo da sexualidade, sendo que esta pode se realizar em múltiplos modos e direções, não apenas heterossexual e nem voltada à reprodução, desafiando os padrões de normalidade sexual da época, ainda muito ligados à medicina e à religião. Ao reconhecer a bissexualidade, a disposição bissexual dos seres humanos, desestabiliza a ideia binária e fixa de gênero e sexualidade, abrindo espaço para pensar a diversidade sexual como parte constitutiva do sujeito. Assim, introduzir o conceito de psicosexualidade, desenvolvendo uma construção original sobre o humano e o nosso desenvolvimento, a partir do conceito de pulsão. A ideia de que o sujeito é dividido, contraditório, desejante e não transparente a si mesmo se espalha pelas teorias do século XX, desmontando os pilares de uma cultura que se pensava estável, colocando a sexualidade como força formativa, disruptiva e fundadora do sujeito e da civilização.

Assim, para Foucault (1976/2020), a psicanálise freudiana além de romper com a medicalização e a moralização do sexo, promovidas pelos saberes científicos dessa época, explora criticamente os efeitos adoecedores do paradigma da diferença sexual sobre os sujeitos, especialmente as mulheres. Entretanto, reforça de maneira acrítica o mesmo paradigma, constituindo o solo que impulsiona a criação de sua teoria sobre a sexualidade, com a primazia do falo e o uso de expressões e palavras que marcavam fortemente o patriarcado de sua época.

A segunda onda do movimento feminista ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, segundo Pombo (2021), está ligada às revoltas antiautoritárias, tanto do movimento feminista quanto dos movimentos de gays e lésbicas, que lutavam para ser aceitos no modelo de sociedade existente. Organizou-se para combater a desigualdade de gênero e o patriarcado. Essa onda é denominada “feminismo de diferença” e foca em questões mais específicas das mulheres, especialmente relacionadas ao corpo: saúde reprodutiva, liberdade sexual e, em alguns países, a legalização do aborto. A disseminação da pílula anticoncepcional acompanhou a ideia de que as mulheres devem ter o direito de controlar quando desejam ter filhos. Temas como reprodução, erotismo e maternidade ganharam destaque durante essa segunda onda feminista.

Pombo (2021) apresenta como a psicanálise recebeu as primeiras críticas do movimento feminista, no qual estavam incluídas algumas psicanalistas. Cita a psicanalista francesa Luce Irigaray, que, aos mais de 90 anos, ainda se identifica com o feminismo das diferenças. Sua crítica volta-se para a maneira como a psicanálise aborda a diferença sexual, especificamente a diferença entre os sexos feminino e masculino, e questiona principalmente a forma como o feminino e a feminilidade são tratados na teoria psicanalítica. Irigaray critica termos usados por Freud, como “inveja do pênis” e a “associação do feminino ao masoquismo e à passividade”, assim como a “maternidade como um destino valorizado”. Ela também critica Lacan, especialmente pelas formulações: “a mulher não existe”, “a mulher não é toda”, “a mulher que não sabe nada sobre o seu gozo” e, em última instância, quando “a mulher é colocada num lugar de não sexo, num lugar de não sujeito”. Sua crítica é dirigida principalmente à hierarquia que coloca o masculino como universal e o feminino como o outro do masculino, além de a diferença sexual ser pensada e relacionada ao falo, a única referência para se pensar o feminino e o masculino. Para Irigaray, a mulher deve ser pensada de uma outra maneira, ocupando uma posição diferente na estrutura. Para ela, não se trata de pensar o psiquismo da mulher em uma posição igual à do homem, mas sim na diferença não hierarquizada.

Cabe enfatizar que a matriz do pensamento de Freud, tanto no sentido de produzir uma ciência quanto em relação à sociedade sobre a qual ele se debruçava, é marcada por um contexto temporal e espacial específicos. No entanto, essas matrizes foram tratadas como medidas universais. A universalidade de suas ideias, portanto, é um dos principais pontos que devemos refletir. O conceito de ciência de Freud é ambivalente. Como um cientista clássico resistiu a introduzir a filosofia de maneira decidida, embora evidencie-se em seu pensamento um diálogo implícito com pensadores como Schopenhauer (1788-1860), Kant (1724-1804) e Nietzsche (1844-1900). Como neurologista, elaborou um esquema neurológico para explicar o psiquismo, buscando superar o dualismo cartesiano e platônico, o dualismo entre corpo e alma, oferecendo uma interpretação materialista do psiquismo. Seu pensamento estava mais associado ao de um naturalista, na medida em que procurava explicações por meio de fenômenos naturais, sujeitos às regras mecânicas. O projeto freudiano visava encontrar uma matriz universal capaz de dar conta do psiquismo humano por meio de categorias e conceitos. Em contrapartida, Freud se posiciona como um cientista antidogmático. Ele se distingue

dos filósofos de sua época ao abordar o desejo inconsciente, enquanto os demais pensadores tratavam as questões dentro da esfera da consciência. Freud construiu e reconstruiu seu pensamento, do falibilismo, refinando constantemente suas hipóteses. Isso pode ser observado na grande quantidade de notas de rodapé presentes em seus artigos.

Assim, ao mesmo tempo, Freud tinha afinidade com o cientificismo, mas manteve uma atitude distanciada, pois sabia que o próprio cientificismo tende a se dogmatizar em certas formulações. Na psicologia existem vertentes que se restringiram ao dogma de que é necessário ter verificação experimental para ser considerada ciência. Freud se deixou conduzir pelo objeto de estudo: o psiquismo, a mente, o mundo interno ou a subjetividade, como nossas teorias psicanalíticas se referem, cada uma com sua própria categoria em relação ao desejo inconsciente. “É esse sujeito do conhecimento que a psicanálise vai desqualificar como sendo o referencial privilegiado a partir do qual a verdade aparece... o cogito não é o lugar da verdade do sujeito, mas o lugar do seu desconhecimento” (Garcia-Roza, 1984/2000, p. 23).

Nesse sentido, Freud pode ser considerado um herege dentro da filosofia. Ele é ao mesmo tempo muito clássico e muito herético. É clássico ao buscar uma explicação científica universalista, mas é herético ao inverter a maioria dos pressupostos platônicos sobre os quais a filosofia se fundamenta, privilegiando o inconsciente sobre a consciência. Freud desmontou o privilégio da razão em relação ao desejo, o privilégio da alma sobre o corpo – ou seja, todos esses componentes essencialistas hierarquizados presentes na filosofia platônica. Com isso, ele produziu algo muito semelhante ao que Nietzsche propôs: uma transvaloração, uma inversão da ordem platônico-cristã que considerava o desejo e o corpo como pecaminosos. Dessa forma, todos esses aspectos, incluindo a sexualidade, estavam subordinados a uma lógica que foi subvertida por Freud. Talvez seja válido pensar que a terceira ferida narcísica foi, de fato, uma ferida na filosofia moderna. Se a primeira foi uma ferida astronômica e a segunda uma ferida biológica, a terceira pode ser considerada uma ferida filosófica, no sentido de desbancar a consciência como elemento decisivo do pensamento.

Na psicanálise, além de o desejo ocupar o primeiro plano, o indivíduo não tem controle total sobre suas ações. De fato, buscamos maximizar a utilidade do que fazemos. No entanto, a base das nossas ciências ainda é construída a partir da ideia de consciência. A pessoa tende a fazer aquilo que considera útil para

si mesma – e isso, quando está no comando. O desejo, em contrapartida, não é controlável. Eventualmente, controlamos o que fazemos, mas não o que desejamos. Freud revela aí algo ingovernável para a filosofia moderna, associando essa dimensão ao sexual, na medida em que o corpo e o desejo passam a ocupar o primeiro plano. Necessariamente, a sexualidade adquire outra dimensão. Podemos compreender aí uma aproximação da psicanálise com a terceira onda feminista.

Essa onda, conhecida como teoria queer, surgiu a partir dos anos 1980-1990, quando ativistas e pensadores feministas começaram a criticar a maneira como o feminismo estava se organizando até então. Era um movimento elitizado, branco, heterossexual e de classe média. Nesse contexto, houve uma explosão de movimentos feministas com projetos voltados para refletir sobre minorias que ainda não haviam sido contempladas pelo movimento como um todo: mulheres negras, indígenas, latinas, prostitutas, deficientes, imigrantes, entre outros coletivos femininos que não se sentiam representados pelos movimentos anteriores. Surgiu, assim, o termo “interseccionalidade”, utilizado principalmente pelo movimento negro e introduzido no debate pelas feministas negras. Essa ideia refere-se às opressões interligadas e oferece uma ótica interseccional, considerando as diversas formas de opressão, incluindo questões de raça, classe social e gênero.

A filósofa Judith Butler publicou *Problemas de gênero*, em 1990, considerado um marco de inauguração da teoria queer. O livro provocou grande tumulto: Butler questiona a categoria universal de mulher dentro da matriz da heterossexualidade e critica as categorias identitárias que além de enrijecer posições, tendem a excluir sempre um outro grupo. A proposta da teoria queer é a inexistência de uma identidade fixa, como a mulher, defendendo, em vez disso, uma condição de diferenciações. A teoria propõe que se pense as identificações segundo a “condição queer”, possibilitando, assim, maior abertura à fluidez, às mudanças e às transformações.

O “queer” é essencialmente uma versão de Judith Butler da diferença, inspirada nos filósofos Gilles Deleuze (1925-1995) e Jacques Derrida (1930-2004), que defendem a variação como aquilo que antecede a identidade. Toda identidade é resultado de uma variação. Cada vez que alguém se define como isso ou aquilo, se enquadrando em uma identidade, de certa forma está limitando uma variação que continua a ocorrer. A variação está na origem e não na identidade. Qual é a relevância de colocar a diferença antes da identidade? A formação de critérios normativos que hierarquizam pessoas com base em gênero, sexo, raça e outros,

depende da realização de um normal que, em certo momento, é desviado. A partir desses desvios, dessa originalidade, segundo esses autores, surge o poder da biopolítica de normalização ou extermínio. Os mecanismos biológicos, como higiene, alimentação, natalidade, longevidade e sexualidade, passam a fazer parte das estratégias políticas, cujo objetivo é controlar toda a dinâmica da população: seu corpo, sua saúde, suas ideias, sua subjetividade, a vida dos sujeitos que precisam, de alguma forma, se enquadrar na norma.

Judith Butler (1990/2023) se contrapõe à suposição de um binarismo natural do sexo sobre o qual o gênero cultural atua. Ela critica a dicotomia entre sexo, tido como um atributo necessário e imutável que qualifica o humano; e gênero, que seria adquirido e construído. A separação entre sexo e gênero reatualiza a distinção radical entre natureza e cultura, que Butler pretende desconstruir. Todas essas categorizações são construções sociais. Não há distinção entre sexo e gênero. A partir da frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”, Butler retira a palavra “mulher”, ficando apenas: “não se nasce, torna-se”.

Para nos ajudar a refletir sobre essa afirmação de Butler e a sexualidade no século XXI, dentro desse novo paradigma, apresento, a seguir, dois casos que se tornaram públicos: o primeiro caso ocorreu no Brasil, e o segundo, na França. O primeiro, no início dos anos 2000; o segundo, mais recente, em 2019. O primeiro trata de Laerte Coutinho, cartunista brasileira, nascida em 1951, atualmente com 72 anos. O segundo diz respeito ao filósofo Paul Beatriz Preciado, atualmente com 53 anos.

Laerte, que nasceu com um corpo nomeado de homem, em certo momento de sua vida decide “fazer coisas que até então nunca tinha feito”: experimentar o dever de ser mulher. Beatriz, que nasceu em um corpo categorizado como feminino, faz o movimento de experimentação masculina. Laerte mantém o nome Laerte Coutinho, apenas acrescentando o artigo “a” para se referir a si mesma. Beatriz, além de manter o nome Beatriz, acrescenta o nome Paul, tornando-se Paul Beatriz Preciado. São dois casos singulares que se tornaram públicos e contrariam a frase “a anatomia é o destino”. Esses casos questionam a ideia de que o corpo biológico, nascido e socialmente definido no passado, determinará o gênero e o sentido da vida no presente.

Em uma entrevista, concedida à *Folha de S. Paulo* (Finotti, 2010),² Laerte conta como iniciou sua transição em 2004, primeiramente por meio de suas tirinhas

2 Cf. entrevista em: <https://bit.ly/3LrJfLn>

publicadas no caderno *Ilustrada*, quando “Hugo transiciona para Muriel”. Mas o que mais chama atenção são as perguntas do jornalista. Hoje, em 2024, é chocante perceber como a visão expressa na entrevista estava alicerçada na epistemologia da diferença entre dois sexos. O jornalista diz:

Diversas possibilidades para a mudança no seu estilo de vida passam pela cabeça. A primeira delas é que você enlouqueceu – um processo que teria começado em 2005, com a morte de seu filho em um acidente de carro, passando pelas tiras da Ilustrada, cada vez mais estranhas, e agora isso: o uso de roupas femininas. Você está louco, Laerte? Uma segunda possibilidade é que você se veste assim porque isso lhe dá tesão... Mas você é bissexual, certo? Está fazendo isso para espantar o tédio? As pessoas aparentam normalidade e tentam não demonstrar espanto [quando encontram você], certo? Você dá pistas de que estará traves-tido ao encontrar alguém que ainda não sabe? Mas você pode ir como homem? Pode ir sem maquiagem? Como foi o Natal em família? Com vestido? Avisou de alguma forma para que se preparassem?

Laerte, entre tantas respostas, afirma: “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada; ... não é um fetiche sexual; ... não faço isso porque a vida está sem graça; ‘... Ah, está vestido de mulher, então é viado; jogou bola, é macho.’ E eu, que gostava de costurar e de jogar bola?”

Cito também o documentário *Laerte-se* (2017), de Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum, em que Laerte declara: “Estou fazendo uma investigação da mulher que eu posso ser.”

O segundo acontecimento envolve Paul B. Preciado, quando foi convidado a falar no evento *Journées 49 de l'École de la Cause Freudienne – Femmes en psychanalyse* [Jornada 49 da Escola da Causa Freudiana – Mulheres na Psicanálise, em tradução livre], realizado em 2019. Preciado já havia se destacado com seu livro de estreia – *Manifesto contrassexual* (2002/2015) – inspirado nas teses de Judith Butler (1990/2023), Michel Foucault (1976/2020) e Donna Haraway (1988/2009), no qual explora os modos de subjetivação e identidade, além da construção social e política do sexo. Trata-se de uma referência importante dentro da teoria queer.

Durante o evento com psicanalistas, Preciado afirmou em *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*, publicado no Brasil pela

editora Zahar, em 2022, gerou-se um tumulto quando ele perguntou se havia na plateia algum psicanalista homossexual, transexual ou de gênero não binário. Em seguida, ele solicitou que “as instituições psicanalíticas assumissem a sua responsabilidade pela atual epistemologia sexual e de gênero” (p. 9). Esse foi o recado para nós, psicanalistas de nosso tempo – o tempo de Preciados e Laertes. Sua palavra foi cerceada. Muitos riram, outros gritaram pedindo que saísse, e alguém chegou a acusá-lo de ser o “novo Hitler”. Os organizadores do evento lembraram que seu tempo de fala havia se esgotado (!), e, por isso, Preciado pôde ler apenas um quarto do discurso que havia preparado. Sua intervenção tumultuou o evento. A comporta institucional conteve a turbulência provocada por sua presença e sua fala. “Meu discurso causou um terremoto” (p. 9). Nesse livro, Paul B. Preciado apresenta seu corpo, marcado pelo discurso biopolítico como “transexual”, como sujeito de uma “metamorfose impossível”, situado, segundo boa parte das teorias psicanalíticas, para além da neurose – à beira ou mesmo dentro da psicose –, incapaz de “resolver corretamente o complexo de Édipo” ou de “superar a chamada inveja do pênis”. Ele afirma ainda: “Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como um paciente, mas como um cidadão, como seu monstruoso igual” (Preciado, 2022, p. 14). Preciado dirigiu-se aos psicanalistas naquele encontro como um corpo trans, como corpo não binário – um corpo a quem nem a medicina, nem o direito, nem a psicanálise, tampouco a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento especializado sobre sua própria condição, nem a possibilidade de produzir um discurso ou uma forma de saber sobre si mesmo. Já a psicanálise, que se dedica à escuta da palavra, naquele evento agiu, paradoxalmente, de modo condizente com o que Octave Mannoni (1973) descreve como a lógica do “eu sei, mas mesmo assim...” (p. 9), ao tratar do tema das crenças. Trata-se de uma posição ambígua, em que o saber convive com a recusa. O psicanalista busca explicar como alguém pode acreditar ou não em algo, e como certas crenças se sustentam por um mecanismo de defesa conhecido como recusa (*Verleugnung*), conceito formulado por Freud ao analisar o fetichismo.

Segundo Freud, o fetichista tenta evitar as consequências psíquicas da percepção da ausência do pênis na mãe. Ele reconhece essa ausência, mas simultaneamente sustenta a crença de sua existência. Há, assim, uma cisão do eu: ele sabe, mas recusa saber. Cria-se um espaço onde se acredita e se desacredita ao mesmo tempo – uma clivagem que permite sustentar a crença mesmo diante de um saber que a desmente. Essa atitude é característica da recusa: um comportamento

arrogante e defensivo que também se manifesta com frequência nos fenômenos da psicopatologia da vida cotidiana – e do qual, no referido evento, os psicanalistas presentes não escaparam. Mesmo sabendo o que escutaram, reagiram como se nada pudessem ou deversem transformar.

Para aqueles que ainda não conhecem o discurso de Preciado, recomendo vivamente a leitura, são quase 90 páginas que todo psicanalista precisa ler – e, mais do que isso, tentar se imaginar ali, sentado na plateia daquele evento. Convido cada um a se perguntar: qual seria minha reação diante de uma escuta que denuncia a violência epistemológica da diferença sexual fundada na binariedade dos sexos? O que eu diria? O que eu faria? O que vocês pensam sobre o que trago para a discussão? O que, afinal, estamos discutindo quando falamos de sexualidade? E o que Laerte e Preciado denunciam sobre a violência epistemológica da diferença sexual?

Durante muitos anos, atravessamos sem grandes turbulências a sustentação de alguns conceitos de nossas teorias psicanalíticas – até que Laertes e Preciados vieram a expor a insuficiência da epistemologia da diferença sexual, base sobre a qual a psicanálise ainda se apoia, para dar conta da complexidade da sexualidade no presente.

Assim, reafirmo a genialidade de Freud ao introduzir a sexualidade no debate filosófico, tema historicamente reprimido pelo platonismo, pelo cristianismo e por toda a tradição filosófica que separava a alma do corpo, relegando este último à condição de animal subalterno. No entanto, é preciso situar a fala freudiana dentro de um contexto histórico, antropológico e social específico, o que a torna, em alguns momentos, insuficiente para compreender a complexidade da diferença sexual.

O paradigma freudiano abordava a diferença entre os sexos, mas a reduzia à oposição entre homem e mulher. O falocentrismo na psicanálise se intensificou, generalizando e universalizando subjetividades a partir de uma lógica que privilegiava a anatomia masculina. Algumas críticas apontam que essa perspectiva se baseava em um olhar predominantemente masculino sobre a diferença anatômica, produzindo uma lógica em que o pênis é associado à presença, e sua ausência, à falta. Isso não deve ser visto como um erro de Freud, mas como um limite – um limite de sua época. O que ele disse não é falso, mas apresenta restrições que vêm sendo tensionadas e superadas por pensadores e pensadoras posteriores, que ampliam a compreensão da sexualidade e das formas de subjetivação para além da binariedade sexual. Hoje reconhecemos outras formas de desenvolvimento da sexualidade: existem sexos além do masculino e do feminino, gêneros que escapam

à binariedade, e formas de sexualidade que não se restringem à heterossexualidade. Todas essas expressões apresentam inúmeras variações.

Trago aqui reflexões que vivenciamos cotidianamente na escuta clínica com nossos pacientes – talvez questões que não estavam presentes no tempo de Freud, ou pelo menos não eram tematizadas da mesma forma. As fobias do pequeno Hans, por exemplo, pensadas por Freud, hoje podem ganhar novos contornos. Existem debates sérios sobre a angústia do complexo de Édipo, como Deleuze e Guattari (1972/2011) exploraram em *O anti-Édipo*. E não é suficiente que nós, psicanalistas, respondamos a essas críticas dizendo que “a clínica é diferente da filosofia”, pois essa separação já não se sustenta tão facilmente. O que escutamos na clínica atual encontra ressonância na filosofia de muitos autores contemporâneos, como os que venho mencionando.

Vale lembrar, ainda, que as leituras míticas de Édipo são diversas. Freud escolheu a tragédia de Sófocles para ilustrar os desejos amorosos e conflitos em relação aos pais. O desejo inconsciente do menino de eliminar o pai e manter sua ligação com a mãe. Para Lacan, o mito é menos sobre matar o pai e mais sobre como a função do pai estrutura o desejo e permite que o sujeito se inscreva no mundo simbólico. Mas essa dinâmica angustiante se repete da mesma forma em todas as culturas? Será que ela esgota a complexidade dos vínculos familiares, afetivos e desejantes que atravessam os sujeitos nas diversas formas de vida?

O conservadorismo da ortodoxia consiste, precisamente, em impedir que o pensamento freudiano continue a se desenvolver e a avançar. É isso que limita a psicanálise ortodoxa: o congelamento e a petrificação de alguns momentos do pensamento de Freud em uma fórmula enrijecida, ancorada em um tempo e espaço. E essa postura não é exclusividade dos freudianos – ela também pode ser observada entre marxistas, cristãos e em toda forma de ortodoxia. Todos estariam sujeitos a uma certa arrogância epistemológica?

É nesse ponto que precisamos avançar: pensar um freudismo pós-desconstrução. O que isso significa? Um freudismo imune à desconstrução? Ao contrário, como muitos psicanalistas também apontam, a psicanálise não parece ser imune à desconstrução. E quem promoveu essa desconstrução? Os movimentos feministas e queer.

Mas o que, afinal, faz a desconstrução? Não se trata de negar a diferença entre os sexos, ao contrário, trata-se de multiplicá-la, de abrir espaço para uma pluralidade de diferenças. Não se está dizendo que todos os sexos, gêneros e sexualidades

são iguais, mas sim que são múltiplos e que não se reduzem à lógica binária. Em vez da oposição entre um e dois, passamos a reconhecer os muitos.

Nisso, o feminismo, o movimento queer são determinantes, pois são movimentos que implicam a desnaturalização dos papéis de gênero e das sexualidades em nossa cultura. Para esses autores, a psicanálise não deve reificar esses papéis nem os tratar como se fossem naturais. A filosofia queer, por sua vez, representa uma forma de desconstrução ativa da psicanálise. Ela parte de uma psicanálise já desconstruída, no sentido de questionar o que estava sedimentado, tornando variável aquilo que a desconstrução – proposta por Jacques Derrida e inspirada no mecanismo do recalque freudiano – revela como pensamentos que precisam ser desfeitos, a fim de expor o que foi excluído de seu campo de conhecimento.

Mas, afinal, o que é o sexual em Freud? O que é a pulsão sexual? E a pulsão de vida? De morte? O que significa a interseção entre o sexual e a morte? Como os dualismos presentes em nossas teorias têm sido tensionados pelas forças que rompem as barreiras culturais? Será necessário desconstruir algo no paradigma dualista para acolher a sexualidade na contemporaneidade? Essas perguntas foram formuladas pela Curadoria do Observatório Psicanalítico da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) para a psicanalista Ana Paula Terra Machado (da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre) e o filósofo Moysés Pinto Neto, na abertura do episódio “Dualismos e desconstruções: a psicanálise contemporânea frente ao sexual” (Mori, 2023), o primeiro da quarta temporada “O sexual na Polis”, do podcast Mirante.

Para Pinto Neto, a desconstrução consiste em questionar o que está sedimentado, petrificado, ossificado, reificado – ou seja, aquilo que está rígido e fixo – e trazer fluidez a isso. Trata-se de mostrar que essas estruturas são formadas por uma série de acontecimentos que convergiram para sua formação. A desconstrução retorna as coisas à diferença, revelando a diversidade intrínseca nelas mesmas. O feminismo e o pensamento queer, por sua vez, destacam a diferença como primordial.

Ana Paula Terra Machado, ao reafirmar que o sujeito freudiano é um sujeito do inconsciente, nos lembra que o inconsciente não foi uma invenção freudiana, mas é de Freud a descrição do inconsciente como um conceito dinâmico. “Seu desafio foi pensar como esse inconsciente se organiza, se forma, que tipo de inscrição ocorre, como as experiências vividas desde o nascimento vão se inscrevendo psiquicamente e como acessa-las. Essa é a sua ontogênese”, pensada ainda por Freud em seu texto “Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895.

As experiências e as vivências que acumulamos ao longo da vida são registradas e, posteriormente, galgam a posição de representação. Algo permanece apenas como traço, como rastro, e essas inscrições permanecem ali. Periodicamente, elas sofrem rearranjos. O que marca esses “trilhamentos,” os percursos psíquicos, são as diferenças. E Freud nos lembra na Carta 52 a Fliess: “Nada do psíquico é permanente”. O arranjo psíquico, toda a montagem da nossa subjetividade, sofre alterações e rearranjos ao longo da vida. Todo o arranjo psíquico é temporário, transitório. A fixidez psíquica é o traumático. Diante de uma situação psíquica, a pessoa muitas vezes se vê obrigada a realizar um novo rearranjo psíquico. (Machado, participação em Mori, 2023)

A psicanalista conclui nos lembrando que “é por isso que nós, psicanalistas, podemos trabalhar, pois não há fixidez psíquica”.

Não há fixidez psíquica no psiquismo do analisando nem no do analista, que precisa estar disponível para escutar a diferença. E, a partir dela, fazer a psicanálise trabalhar, saindo de eventuais posturas de um modo hostil de fazer ciência, que aprendemos como absolutas e universais, mas que hoje, em nosso tempo, pedem ser formuladas em “saberes localizados” e “perspectivas parciais”, conforme defende a importante teórica feminista e da ciência Donna Haraway (1988/2009). Para ela, é na política e na epistemologia das “perspectivas parciais dos subjugados” que está a possibilidade de se realizar um pensar científico que “privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança de um conhecimento coletivo transformador” (p. 24), para formar uma perspectiva mais justa do mundo.

Haraway (1988/2009) propõe pensar o conhecimento como parcial e corporal, uma nova ideia de objetividade que inclua a corporeidade e a parcialidade do cientista e também, por consequência, responsabilizá-lo como sujeito da ciência na medida em que está implicado no ato de produzir ciência. Essa perspectiva epistemológica é coerente com a psicanálise brasileira, implicada na escuta da “dimensão sociopolítica do sofrimento” (Rosa, 2016), sendo nossa disciplina pertencente aos saberes contemporâneos atentos aos sujeitos e coletivos vítimas de todo tipo de exclusão social, cuja diferença dos corpos se atualiza em diversas formas: no sexo, no gênero, na cor, na classe social à que pertencem. Para isso, é necessário deixar as janelas de nossos consultórios bem abertas para pensar a sexualidade contemporânea, permitindo que os acontecimentos de nossa época atravessem o *setting* analítico, e, nós, psicanalistas clínicos, possamos seguir pensando a partir dessas contribuições.

Referências

- Butler, J. (2023). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (22a. ed.) Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O anti-Édipo*. (Trabalho original em 1972)
- Finotti, I. (2010, 4 de novembro). Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher. *Folha de S.Paulo*. <https://bit.ly/3LrJfLn>
- Foucault, M. (1976/2020). *História da sexualidade: a vontade de saber*. (Vol. 1). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Garcia-Roza, L. A. (2000). *Freud e o inconsciente*. (17a ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1984)
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. (Trabalho original publicado em 1988)
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos ao Freud*. Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1990)
- Mannoni, O. (1973). *Chaves para o Imaginário*. Vozes.
- Mori, M. A. (Apresentadora). (2023, 7 de julho). Dualismos e desconstruções: a psicanálise contemporânea frente ao sexual (Temporada 4). [Episódio de podcast em áudio]. *Mirante*. Febrapsi. <https://open.spotify.com/episode/6RHYxA49zwEda7t1uaqcgW?si=Tp1aeVhZRzW1BjEYVfe5UA>
- Pombo, M. (2021). *A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas*. Calligraphie.
- Preciado, P. B. (2015). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2000)
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Zahar.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta
- Silva, L. B., & Brum, E. (Diretoras). (2017). *Laerte-se* [Filme documentário]. Tru3Lab.

2. Diversidade sexual e de gênero: desafios postos à psicanálise na contemporaneidade¹

Almira Correia de Caldas Rodrigues

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, reflito sobre a relação entre as noções de *diversidade* e de *dissidências* no campo da sexualidade e do gênero; em seguida, trago alguns elementos para pensarmos sobre as origens das noções de sexualidade e de gênero na psicanálise; e, por fim, elenco dois fenômenos na contemporaneidade que considero paradigmáticos das mudanças no campo – a transgeneridade na infância e a não binariedade em termos de sexualidade e de gênero, aut nomeação que vem se expandindo entre jovens.

Diversidade e dissidências no campo da sexualidade e do gênero

As noções de diversidade e de dissidências no âmbito da sexualidade e do gênero estão alinhadas aos tempos pós-modernos em que se destacam a pluralidade de apresentações e de relações, e, conseqüentemente, o distanciamento de modelos únicos e de verdades universais.²

1 Este capítulo tem como base a apresentação da autora em uma das mesas do Pré-Congresso para o XXX Congresso da Febrapsi, promovido pela Comissão Científica da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), realizado em Brasília nos dias 25 e 26 de maio de 2024.

2 Cabe registrar que a *International Psychoanalytical Association* (IPA) criou o seu Comitê Científico de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero em 2017. Em 1998, quase 20 anos antes, havia criado o Comitê Científico Mulheres e Psicanálise – Cowap para investigar as relações entre as categorias de sexualidade e gênero.

A noção de diversidade alude às múltiplas subjetividades, em termos de apresentações corporais, de identidades e expressões de gênero, de desejo e práticas sexuais; e, também, de múltiplas configurações afetivo-sexuais, familiares, parentais. Alude, substancialmente, à ideia de multiplicidade, de pluralidade (Rodrigues & Campos, 2021).³

A noção de dissidências emerge no contexto dos estudos e movimentos *queer*, que se desenvolvem a partir dos anos 1990. Essa perspectiva aponta para o questionamento do *dominante*, ou seja, a norma heterossexual e a norma cisgênera, em termos teóricos e de prática política. Questiona os binarismos (feminino/masculino e hetero/homossexualidade) e as identidades fixas, em prol da fluidez e transitoriedade sexual e de gênero⁴ (Rodrigues, 2023).

Enquanto a perspectiva da diversidade acolhe as expressões binárias e não binárias, a perspectiva *queer* foca nas expressões não binárias e na fluidez.

Além de compartilhar um mesmo tempo histórico, ambas as perspectivas questionam a patologização de identidades e expressões de sexualidade e gênero não convencionais; ambas denunciam a violência e a discriminação que recaem sobre a população LGBTQIAPN+;⁵ e ambas reconhecem que a violência sexual e de gênero fica agravada pelo fenômeno da interseccionalidade, isto é, a conexão entre as diversas condições sociais, e, no caso em questão, a conexão com outras violências, como as de classe e raça-etnia.

Origens das noções de sexualidade e gênero

Em relação à dimensão de sexualidade, Sigmund Freud (1905/2016) constrói uma teoria que trata da capacidade dos humanos de sentir prazer com o próprio corpo e com o corpo do outro. Fala da sexualidade infantil, de seu caráter perverso-polimorfo, o que significa a busca de satisfação e a obtenção de prazer de múltiplas formas. Com o desenvolvimento psicosssexual, diz que a libido vai se organizando mediante fases (prazer oral, anal, genital) e a sexualidade ganha centralidade no processo de subjetivação dos sujeitos. Podemos pensar a sexualidade

3 As autoras e os autores citados pela primeira vez neste texto têm seus prenomes identificados para um registro de gênero, dado que as normas de referência não possibilitam essa identificação.

4 Entre as/os formuladores e estudiosas/os da teoria *queer* destacam-se: Teresa de Lauretis, Judith Butler, Paul Preciado, Guacira Lopes Louro, Mariana Pombo, Thamy Ayouch, Eduardo Leal Cunha.

5 A sigla LGBTQIAPN+ reporta-se às pessoas autorreferidas como lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais, não binárias e mais.

em um sentido ampliado ligado à pulsão de vida e abrangendo prazeres em todas as esferas da existência, e também em um sentido específico referido a expressões de desejos, fantasias e práticas sexuais.⁶

No texto “O Eu e o Id”, Freud (1923/2011) distingue dois movimentos no processo de desenvolvimento psicosssexual da criança: a identificação com o feminino/masculino, representada pela mãe e pai ou equivalentes; e a escolha de objeto – atração sexual dirigida ao outro. Diz que inicialmente esses movimentos se confundem: o que se gostaria de ser e o que se gostaria de ter. Freud formula a noção de bissexualidade psíquica, aludindo à existência de elementos femininos e masculinos em todos nós – tanto em termos de identificação quanto de desejo/escolha de objeto –, constatando que no processo de desenvolvimento, um elemento é afirmado e o outro recalcado (Rodrigues, 2019-2020).

Sobre a noção de identificação, Freud afirma ser a forma mais primitiva de vínculo emocional com uma pessoa. No caso em questão, a identificação de gênero vai sustentar a construção da identidade e expressão de gênero dos sujeitos – se sentir e se reconhecer como uma menina/mulher ou um menino/homem – passando a cumprir um importante papel na constituição da subjetividade.

Quanto ao conceito de gênero, este tem uma referência basilar para psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, o que é desconhecido por muitos.⁷ Embora Freud tenha trabalhado em seus textos com o sentido do feminino e do masculino em seu tempo histórico, não utilizou o termo que foi construído posteriormente. A partir de meados dos anos 1950, o psicólogo John Money cunhou o termo *identidade de gênero*, que, a seu ver, seria dado pela forma como a criança fosse tratada em seu ambiente. Nos anos 1960, a noção foi desenvolvida por dois psiquiatras e psicanalistas americanos. Ralph Greenson, parodiando Freud, trouxe a ideia da difícil construção da masculinidade para os meninos/homens, em relação à construção da feminilidade pelas meninas/mulheres, em decorrência da troca do primeiro objeto de identificação, comumente vivenciada pelos meninos. Robert Stoller, por sua vez, deu primazia ao período pré-edípico na implantação da identidade de gênero

6 Neste sentido, a orientação sexual – o gênero da pessoa desejada e com a qual se tem o relacionamento sexual – acabou assumindo um lugar de destaque no extenso mundo das práticas sexuais. A formalização das relações homossexuais/homoafetivas passou a ser reconhecida enquanto direito civil dos sujeitos em muitos países apenas depois de intensas lutas dos movimentos LGBTQIAPN+. Entretanto, em dezenas de países a prática sexual consensual entre adultos do mesmo gênero ainda é criminalizada.

7 Esse histórico é realizado por Lattanzio e Ribeiro (2018).

e questionou a ideia de que o sexo biológico determinasse a identidade de gênero, refletindo também sobre o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade.

A partir de então, ocorreu uma lacuna nos estudos de gênero na psicanálise, e uma hipótese para isso é que esses estudos teriam sido considerados como do campo das ciências sociais e da filosofia, o que de fato ocorreu, acabando por ser mais desenvolvido por autoras e autores desses outros campos disciplinares. No início do século XX, o psicanalista francês Jean Laplanche (2006) resgatou o termo em seu artigo seminal “El género, el sexo, lo sexual”, referência para psicanalistas que trabalham com a temática.

Nesse texto, o autor realiza uma inversão em relação à Freud: enquanto este referiu-se à identificação da criança *com* a mãe-feminino e *com* o pai-masculino ou figuras equivalentes, Laplanche vai referir-se à identificação das crianças pelo *socius*, ou seja, afirma que elas são designadas/identificadas *por*, pelas pessoas com as quais convivem intensamente. Assim, seriam os familiares que identificam as crianças, introduzindo-as em seus *mundos* respectivos (vestimentas, cabelo, adornos, brinquedos e brincadeiras) e, assim, imprimindo formas de sentir, de pensar, de agir de acordo com o gênero designado ao nascimento, conforme o contexto sociocultural e histórico em questão.

Ribeiro (2010) constata que no referido texto, Laplanche acrescenta o código social, as mensagens do *socius* de designação de gênero, também portadoras de ruídos, ao lado do código do apego (cuidados corporais dos adultos com as crianças), portador das mensagens enigmáticas (Rodrigues, 2019-2020). Silvia Leonor Alonso (2016) observa que Laplanche reinclui o inconsciente e o conflito no conceito de gênero; e que frente às mensagens de designação de gênero “a criança também terá que exercer a função tradutiva, já que chegam da mesma forma carregando o enigma, aquilo recalcado do adulto que as enuncia” (p. 87).

Podemos pensar nos dois processos acontecendo na formação da subjetividade de cada sujeito, com as variações de intensidade e temporalidade. À medida que o sujeito se constitui mediante relações com o outro, ora é identificado – predominantemente na infância –, ora se identifica; com base nesses movimentos, o sujeito vai formando suas próprias bases afetivas, valorativas, relacionais.

Dois fenômenos paradigmáticos na contemporaneidade

A partir das considerações anteriores, destaco dois fenômenos polêmicos na contemporaneidade por confrontarem mentalidades e padrões de comportamento

predominantes: a transgeneridade na infância;⁸ e a não binariedade, traduzida sexualmente nas expressões de pansexualidade/bissexualidade e de gênero não binário – gênero neutro, fluido, intergênero, poligênero, agênero, entre outros.

A transgeneridade na infância é um fenômeno que ganhou visibilidade nas últimas duas décadas. Considero que essa visibilidade tem a ver com o crescente reconhecimento das crianças como seres de desejo, opiniões e direitos próprios, particularmente em sociedades ocidentais. Há pesquisas que indicam que entre 3 e 8 anos a criança tem um sentimento claro de identificação de gênero, e que este não corresponde sempre ao gênero designado ao nascimento, o que não quer dizer que ele não possa se modificar ao longo dos anos e mesmo transformar-se em mudança de orientação sexual.⁹ O fenômeno da transgeneridade é mais visibilizado e reconhecido em pessoas adultas (transexualidade, travestilidade), sendo que, segundo muitos depoimentos, elas afirmam que o sentimento de não conformidade com o gênero designado ao nascimento era algo antigo, presente desde a infância ou adolescência.¹⁰

A tentativa de compreensão da transgeneridade, em termos de sua etiologia, varia de acordo com a perspectiva em pauta. Em uma perspectiva médica/biológica, a explicação de crianças trans encontra-se na dimensão constitucional,

8 Thamy Ayouch (2015) e Eduardo Leal Cunha (2021) propõem o termo *transidentidades* em vez de transexualidades com vistas a afirmar uma plasticidade do psiquismo quanto a identificações e o distanciamento de uma perspectiva binária e médica (Rodrigues, 2023). Aqui, utilizo o termo *transgeneridades* como processo mais abrangente frente às transexualidades, particularmente se referido ao fenômeno na infância.

9 Sobre pesquisas com crianças trans, ver: *Ensaio sobre vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro* (Nunes, 2021); “Adolescencias trans. Acompañar la exploración del género en tiempos de incertidumbre” (Missé & Parra, 2022); e “Ouvindo a criança transgênero: um olhar sobre a produção científica brasileira e as questões éticas” (Magnus, Rosa & Felipe, 2023).

10 A transgeneridade na infância e adolescência vem sendo cada vez mais visibilizada e reconhecida. Em termos de movimentos sociais, destacam-se: a ONG Mães pela Diversidade, criada em 2014 por mães preocupadas com a violência e o preconceito contra suas filhas e filhos LGBTQIAPN+; e a ONG Minha Criança Trans, 1ª ONG no Brasil a trabalhar exclusivamente com crianças e adolescentes, que foi fundada em 2022 e que se dedica à reivindicação de políticas públicas e direitos de crianças e adolescentes trans. Quanto aos serviços de saúde habilitados a prestar serviços especializados à população LGBTQIAPN+ pelo Sistema Único de Saúde (SUS), destaca-se o Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), vinculado ao Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina (FM) da Universidade de São Paulo (USP), que, desde 2015, realiza o atendimento exclusivo a crianças e adolescentes trans, sendo pioneiro nesse tipo de acolhimento.

quando a formação do cérebro, que é posterior, não corresponde à formação dos órgãos genitais, em termos dos diferentes níveis de hormônios sexuais. A perspectiva psicanalítica clássica, por sua vez, reporta-se à identificação da criança com o desejo inconsciente da mãe e do pai, além de barreiras no processo de identificação com a referência parental do mesmo gênero; sendo que, de acordo com vários psicanalistas contemporâneos, a transgeneridade na infância alude a uma forma de subjetivação tanto quanto a cisgeneridade. Por fim, a perspectiva sociológica e a teoria *queer* priorizam a dimensão sociocultural na constituição do gênero, e as vivências trans são consideradas resistências e dissidências frente à reprodução de sistemas e práticas regulatórias no campo.¹¹

A expectativa social e regulatória sustenta-se na ideia de que o *normal* é que todas as crianças sejam cis, ou seja, que se identifiquem e expressem o gênero correspondente àquele designado ao nascimento. Este, por sua vez, é definido pela morfologia dos órgãos genitais, que é importante frisar, nem sempre é binário dado que as pessoas intersexo existem.¹²

Ainda que o percurso mais comum seja que o gênero com o qual as pessoas se identifiquem corresponda ao gênero designado ao nascimento, a transgeneridade vem sendo despatologizada pelas instituições científicas,¹³ legalizada por decisões judiciais¹⁴ e legitimada por ações governamentais.¹⁵

11 Teresa de Lauretis (1987/2019) criou o conceito de *tecnologias de gênero* para referir-se à regulação do que se entende como feminino e masculino realizada pela mídia, cinema, sistema educacional, família, entre outros. Judith Butler (1998/2019), e em Salih (2015), por sua vez, criou o conceito de *performatividade de gênero*, que alude à repetição de gestos, atos, discursos como atribuição normativa e uma prescrição coletiva.

12 Segundo dados do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), entre 0,5 a 1,7% da população mundial tem algum grau de intersexualidade (qualidade de pessoas que nascem com características sexuais anatômicas, genéticas ou hormonais não correspondentes às categorias típicas do sexo feminino ou masculino). Em algumas situações, tal condição é conhecida apenas na puberdade, pelo fato do não aparecimento dos caracteres secundários em conformidade com a genitália.

13 A Classificação Internacional de Doenças, 11ª Revisão (CID-11), de 2018-2022, publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS), despatologizou a transgeneridade, conceituando-a como incongruência de gênero (ficou no capítulo de condições relativas à saúde sexual, e anteriormente era incluída na categoria de transtornos mentais); e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição (DSM-5), de 2013, publicação da Associação de Psiquiatria Americana (APA), passou a considerar a transgeneridade como disforia de gênero (antes era tida como transtorno de identidade de gênero).

14 No que tange à legislação brasileira, o Supremo Tribunal Federal (STF) foi convocado a se pronunciar e, em 2018, autorizou a troca de nome e de sexo por autodeclaração em cartório, para as

Nessa medida, proponho centrarmos a nossa reflexão sobre os diferentes percursos de crianças relativamente à sua subjetivação de gênero e seus respectivos desdobramentos. Destaco três percursos:

- A. O gênero identificado e expresso pelas crianças está conforme o gênero designado ao nascimento – esta é a vivência cis que é afirmada socialmente e altamente investida no âmbito familiar.
- B. O gênero identificado e expresso não corresponde ao gênero designado ao nascimento – as crianças tendem a ser rejeitadas pela família e acabam por se sujeitarem ao gênero designado ao nascimento para serem aceitas, mediante *violência parental de gênero*.

Nomeio de *violência parental de gênero* a *obrigação* de formas de sentir, pensar e agir de crianças e adolescentes em conformidade com o gênero designado ao nascimento, quando elas não têm essa identificação; e, paralelamente, a prática da *proibição* de formas de sentir, pensar e agir de crianças e adolescentes quando estas não são conformes ao gênero designado ao nascimento. A *obrigação* e a *proibição* se concretizam mediante o exercício de violência psicológica – chantagem emocional, cerceamentos, desqualificações, castigos –, e até da violência física, realizadas pelos adultos contra as crianças.

Nesse percurso de sujeição ao gênero designado ao nascimento pelas convenções e moralidades, as crianças ficam cindidas e, quando adultas, podem vir ou não a realizar uma transição. Nas mídias e redes sociais, são inúmeros os depoimentos de pessoas adultas que realizaram suas transições de gênero, mediante hormonização e cirurgias, apenas nesse outro tempo de vida. Em tempos de adolescência, a situação fica complexificada pela própria condição de um *entre* a

peças trans a partir dos 18 anos; e, em 2019, decidiu pela criminalização de atos de homofobia e transfobia, enquadrados na Lei do Racismo até que o Congresso Nacional editasse uma lei específica a respeito. No início da década, em 2011, o STF aprovou o reconhecimento da união estável para casais do mesmo sexo; em 2013, o Conselho Nacional de Justiça permitiu o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e a transformação da união estável em casamento; e em 2015, o direito de adoção de crianças por casais homoafetivos foi reconhecido no STF, via decisão monocrática da Ministra Carmen Lúcia.

- 15 Podemos citar a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+; e as Conferências nos diversos níveis federativos. A 4ª Conferência Nacional foi convocada para outubro de 2025, tendo como objetivo aprovar as diretrizes para a elaboração do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos das pessoas LGBTQIA+.

dependência total na infância e a autonomia relativa na fase adulta. Quando adolescentes não se sujeitam ao desejo/imposição dos pais e responsáveis, em muitos casos, elas e eles são expulsos de casa e buscam redes de apoio, não sendo inco-mum o caminho da prestação de serviços sexuais.

Cabe destacar que esta situação tende a ser extremamente conflituosa e dolorosa também para as mães e pais que costumam ter uma formação tradicional e, em grande parte, preconceituosa em relação às vivências trans.

C. Por fim, um terceiro percurso é o de crianças que resistem e insistem na afirmação de sua identidade e expressão de gênero não conforme ao gênero designado ao nascimento.

Nesses casos, essas crianças, diante do sofrimento que vivenciam e da maior abertura psíquica de mães, pais ou responsáveis, tendem a ganhar o apoio familiar para iniciarem sua transição, que, na infância, é apenas e exclusivamente de ordem sociocultural – o uso de vestimentas e a adoção de nome social, ou mudança de nome e sexo por via judicial, quando reivindicada pelos responsáveis. Assim, a informação de que criança trans usa hormônio ou faz cirurgia é equivocada ou de má fé.¹⁶

Nesse percurso, mães e pais também tendem a vivenciar conflitos, buscam redes de apoio, e acabam por elaborar a situação passando a acolher e respeitar as identificações e expressões de gênero de suas crianças. Seus depoimentos nas redes sociais também são muito expressivos e falam de seus medos e angústias, mas igualmente da satisfação com suas próprias atitudes por verem suas crianças mais integradas, estimuladas e felizes. Quando as crianças, mães e pais podem ter acesso a um espaço de escuta, psicológico e psicanalítico, o processo tende a ocorrer de forma mais acolhedora, reflexiva e elaborada.

A violência vivenciada pelas crianças e adolescentes trans tem um caráter singular e agravado em relação a outras violências, como as de gênero, raça e classe, à medida que a rejeição e a discriminação ocorrem, primeiramente, no âmbito da

16 A situação da criança intersexo é outra. Nessa situação, pode ocorrer cirurgia por solicitação dos pais e indicação de certos médicos, ainda que os movimentos intersexo, bem como a OMS, se posicionem contrariamente ao procedimento; defendem o direito de escolha sobre uma possível intervenção cirúrgica e hormonal em casos de intersexualidade, que só deveria ocorrer em momentos posteriores da existência da pessoa e não quando criança, por escolha de seus responsáveis.

própria família; pelas pessoas com quem elas têm uma relação afetiva e de dependência material o que gera sofrimento e sequelas psíquicas.

Podemos considerar que a questão da transgeneridade de crianças na atualidade tem a dimensão e o impacto equivalentes à formulação sobre a sexualidade infantil, realizada por Freud, há mais de 100 anos.

Passemos agora ao segundo fenômeno, que está em franca expansão no mundo ocidental – a não binariedade sexual e de gênero (Macedo & Porchat, 2024). Será que podemos pensar o fenômeno como uma segunda revolução, comparativamente à chamada revolução sexual dos anos 1960?¹⁷ Talvez, sim, no sentido de que a não binariedade sexual e de gênero rompem com lugares, desejos e relações historicamente atribuídos aos sujeitos.

Os movimentos de não binariedade, como anteriormente mencionado, emergem nos anos 1990, com os estudos e movimentos *queer* e envolvem principalmente pessoas jovens. Com um forte caráter de intencionalidade, elas questionam a unilateralidade e a exclusividade do desejo e da prática sexual em relação a um corpo predeterminado; e questionam, também, a formatação de corpos segundo padrões de feminilidade e de masculinidade em vigor, mesmo em contextos de grande flexibilidade e modulação de gênero, como ocorre na atualidade.

Essas pessoas, jovens majoritariamente, estão se permitindo experimentar e vivenciar práticas bissexuais/pansexuais, e se permitindo fazer composições e transições de feminino e masculino; questionam o *status quo* e buscam formas de subjetivação mais livres e criativas; menos sujeitadas ao biológico e às normas sociais. Para além disso, será que também podemos pensar as manifestações de não binariedade como uma busca por aproximação e mistura de *corpos/mundos* considerados como femininos e masculinos, busca esta tão presente nos movimentos unissex das novas gerações? Entendo que sim.

As representações sociais do feminino e do masculino, como sabemos, são históricas e contextuais; servem de referência para reflexões e aprofundamento

17 A revolução sexual dos anos 1960 se valeu da difusão da pílula anticoncepcional, que promoveu a separação entre sexualidade e reprodução, abrindo para a possibilidade da vivência sexual sem gravidez e gestação. Nos anos 1990, a separação entre sexualidade e reprodução se completa com a difusão das novas tecnologias reprodutivas, possibilitando, por um lado, a procriação sem a relação sexual; e, por outro lado, a expansão de formas de procriação, com as práticas de fecundação in vitro (FIV) para casais, a gestação por bancos de sêmen (comprado ou doado), e a barriga de substituição ou solidária.

de ideias. Nesse sentido, o psicanalista Wilfred Bion elaborou os conceitos de continente e conteúdo, relacionando o *continente* ao símbolo do feminino e o *conteúdo* ao símbolo do masculino; continente e conteúdo, que podemos associar aos movimentos de receptividade e penetrabilidade, ambos fundamentais na constituição do psiquismo. López-Corvo (2008) observa que os conceitos de continente-contido representam um modelo de abstração de realizações psicanalíticas, formulado a partir de uma corporalidade, sem que se constitua como uma representação exclusivamente sexual. No âmbito da análise, Bion relaciona o continente e o conteúdo com as figuras do analista e do analisando, respectivamente. Esse modelo de abstração aponta para uma interação que se refere tanto a uma relação *um-outro* quanto à relação de um consigo mesmo. De minha parte, gostaria de enfatizar as funções psíquicas de manutenção e cuidado, por um lado, e de curiosidade e conquista, por outro, desconectando-as de *corpos/mundos* considerados como feminino e masculino. São funções potentes a serem combinadas e aprofundadas pelos seres humanos.

As expressões de transgeneridade na infância e de não binariedade entre os jovens precisam ser escutadas por nós, psicanalistas, com abertura e distanciamento de interpretações clássicas – negação da castração e foraclusão do nome-do-pai.¹⁸

Por um lado, a psicanálise, passou e ainda passa por questionamentos por afirmar, em alguma medida, uma perspectiva heteronormativa e cisnormativa, haja vista a formulação do complexo de Édipo e do complexo de castração, sustentados no modelo fálico/castrado. Essa compreensão motivou o entendimento da homossexualidade e da transgeneridade como da ordem da perversão e da psicose (Gherovici & Loures, 2018; Drehmer & Falcão, 2019; Ayouch, 2016; Stona & Ferrrari, 2020a). Segundo Paul Preciado (2003/2019; 2020), a epistemologia binária e hierárquica, com a qual a psicanálise se constituiu, está em crise desde meados do século XX, motivada, por um lado, pelo questionamento dos movimentos sociais, e, por outro, pelos avanços científicos e tecnológicos que foram se acumulando.

Em contrapartida, também podemos considerar que a psicanálise se distancia de uma heterocisnormatividade e se aproxima da teoria *queer*, a partir de outros

18 O movimento da não binariedade tem expressão linguística e a linguagem neutra vem se expandindo e sendo colocada como uma questão pública. Alguns países já introduziram os termos *outro*, *neutro* e *diverso* em documentos oficiais para pessoas que se autoidentificam como não binárias (Rodrigues, 2023).

elementos, bem sintetizados pela psicanalista argentina Leticia Glocer Fiorini (2017): a sexualidade é migrante por definição: o desejo excede às normas; a eleição de objeto é contingente: as identificações sexuais são plurais; e há fantasmáticas bissexuais (Rodrigues, 2019-2020)

O entendimento da transgeneridade vem sendo estudado por diversos autores na psicanálise, Ayouch (2015, 2016), Cunha (2013, 2016, 2021), Bulamah e Kupermann (2016), Stona e Ferrari (2020b) e Pombo (2021, 2023) realizam análises sobre a produção e a clínica psicanalítica das transexualidades, tanto a vinculada à IPA quanto a de feição lacaniana, constatando a tônica da patologização e, até mesmo, a manifestação de violência transfóbica por parte de psicanalistas.

Considerações finais

A psicanálise foi formulada em um tempo tido como moderno, com poderes centrados no masculino e no Estado; a partir de um modelo de família nuclear em que as crianças e as mulheres eram fortemente subjugadas ao poder do pai e do marido; e em que as normas e leis eram profundamente repressoras da vida, e particularmente da sexualidade das mulheres.

Passado mais de um século, vivemos em outros tempos: a pluralidade constitutiva da pós-modernidade; o empoderamento das mulheres em suas relações pessoais e inserção social; a multiplicidade das configurações familiares; a afirmação de direitos das crianças e adolescentes e sua defesa pelo Estado; o fortalecimento da sociedade civil organizada frente aos poderes do Estado; e mudanças significativas em relação às mentalidades, representações e práticas sexuais. Isso tudo acrescido dos avanços da ciência e tecnologia que possibilitam grandes intervenções nos corpos, e da ampla difusão da internet e das redes sociais com suas repercussões na vida cotidiana.

É um desafio para a psicanálise que, aliás, também vem apresentando uma pluralidade de perspectivas, manter-se atualizada frente aos novos tempos. Várias análises estão se debruçando sobre o processo de internalização de preconceitos e discriminações pelos sujeitos; e as analistas e os analistas não estão imunes a movimentos psíquicos como esses. Por isso mesmo, a produção teórica e a clínica psicanalítica vêm sendo objetos de autorreflexão e pesquisa.

Afora essas mudanças, a psicanálise vem sendo convocada, cada vez mais, a pensar questões sociais, como pobreza, desigualdade social, racismo, machismo,

homofobia, transfobia, etarismo. Vem sendo convocada a pensar o sofrimento psíquico produzido pelo social, ou seja, a dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico, conforme construção e desenvolvimento por Miriam Debieux Rosa (2022). A autora trata o sofrimento sociopolítico como aquele “advindo de posições socialmente desqualificadas devido a fatores econômicos, raciais, culturais, religiosos, de gênero, entre outros” (p. 1). Constata que esse tipo de sofrimento produz um desamparo discursivo, um abalo narcísico e a eclosão da dimensão traumática.

Por fim, destaco outros dois movimentos fundamentais para as perspectivas psicanalíticas na contemporaneidade: o aprofundamento da interlocução de abordagens psicanalíticas com outras disciplinas do conhecimento – neurociência, sociologia, filosofia, ciência política, entre outras; e o aprofundamento do diálogo de psicanalistas com os movimentos sociais, no caso em questão, com os movimentos LGBTQIAPN+. Esses movimentos são sujeitos coletivos que acolhem o sofrimento dessa população, contribuem para o seu fortalecimento emocional e para a conquista de direitos e de cidadania. Nesse sentido, podemos identificar convergências desses movimentos com algumas perspectivas psicanalíticas, à medida que estas trabalham com o enfrentamento de alienações e com o reconhecimento de desejos, de direitos e de construção de futuros gratificantes e férteis.

Referências

- Alonso, S. L. (2016). O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, (56/57), 81-90.
- Ayouch, T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, 54(1), 23-32.
- Ayouch, T. (2016). Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. *Periódicus*, 5(1), 3-6.
- Bulamah, L. C., & Kupermann, D. (2016). A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. *Periódicus*, 1(5), 73-86.
- Butler, J. (1998/2019). Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- López-Corvo, R. E. (2008). *Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion* (2a ed.). Biblioteca Nueva.
- Cunha, E. L. (2013). Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria queer. *Revista EPOS*, 4(2).

- Cunha, E. L. (2016). A psicanálise e o perigo trans: ou por que psicanalistas têm medo de travestis? *Periódicus*, 1(5), 7-22.
- Cunha, E. L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Criação Humana.
- Drehmer, L. B. R., & Falcão, C. N. B. (2019). Para além da concepção binária cis-heteronormativa: a psicanálise interrogada pelas diversidades sexuais e de gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 62-74.
- Fiorini, L. G. (2017). Alteridad y diferencia (s). *Psicanálise*, 19(2), 95-108. <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/638>
- Freud, S. (1933/2010). Conferência 33 – A Feminilidade. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 18, pp 263-293, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923/2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 16, pp 13-74, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1925/2011). Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 16, pp 283-299, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 6, pp. 13-172, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Gherovici, P., & Loures, J. M. (2018). A psicanálise está preparada para a mudança de sexo? *Trivium. Estudos Interdisciplinares*, 10(2), 130-139.
- Laplanche, J. (2006). El género, el sexo, lo sexual. *Alter Revista de Psicoanálisis*, 2, 1-15. <https://revistaalter.com/revista/el-genero-el-sexo-lo-sexual-2/937/>
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. de C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), 409-425.
- Lauretis, T. (1987/2019). A tecnologia de gênero. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer: uma política pós-identitária para a Educação. *Estudos Feministas*, 9(2), 541-553.
- Macedo, L. M., & Porchat, P. (2024). Gêneros não binários no Brasil: uma aproximação psicanalítica. *Periódicus*, 20(1), 158-172.
- Magnus, D. F., Rosa, C. E., Felipe, J. (2023). Ouvindo a criança transgênero: um olhar sobre a produção científica brasileira e as questões éticas. *Periódicus*, 19(2), 102-122.

- Missé, M., & Parra, N. (2022, maio). *Adolescencias trans. Acompañar la exploración del género en tiempos de incertidumbre* [informe]. Centre d'Estudis Interdisciplinaris de Gènere (CEIG); Universitat de Vic Universitat Central de Catalunya (UVIC).
- Nunes, T. (Org.). (2021). *Ensaio sobre vivências reais de crianças e adolescentes trans-gêneros dentro do sistema educacional brasileiro*. [livro eletrônico]. IBDSEX.
- Pombo, M. (2017). Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer. *Periódicus*, 1(7), 388-404.
- Pombo, M. (2021). *A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas*. Calligraphie.
- Preciado, P. B. (2003/2019). Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- Preciado, P. B. (2020). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Zahar.
- Ribeiro, P. C. (2010). A identificação passiva e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. *Percurso*, (44), 79-90.
- Rodrigues, A. (2019-2020). Psicanálise, despatologização e subjetivação: corpos, sexualidades e gêneros. *Alter Revista de Estudos Psicanalíticos*, 36(1-2), 181-200.
- Rodrigues, A. (2023). Diversidade e dissidências sexuais e de gênero: desafios para a psicanálise na contemporaneidade. *Calibán Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 21(1), 154-156.
- Rodrigues, A. C. C., & Campos, C. P. S. (2021). Subjetividades contemporâneas: sexualidades gêneros, parentalidades, famílias. *Bergasse* 19, XI(2), 102-115.
- Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, (42), 1-10.
- Salih, S. (2015). *Judith Butler e a teoria queer*. Autêntica.
- Stona, J., & Ferrari, A. G. (2020a). O cissexismo como uma norma não escrita da psicanálise (ou: para que serve o gênero à clínica?). *Periódicus*, 13(2), 102-118.
- Stona, J., & Ferrari, A. G. (2020b). Transfobias psicanalíticas. *Revista Subjetividades*, 20(1).

3. 52 gêneros:¹ guarda-chuvas para angústias identitárias?

Maria Thereza de Barros França

Introdução

O tema da sexualidade, muito caro à psicanálise, tem marcado forte presença na mídia e nas manifestações de ativistas, mas não havia sido alvo de um estudo mais aprofundado da minha parte.

Venho me dedicando à clínica e ao estudo da vida emocional de bebês, crianças e adolescentes, bem como a pesquisas sobre o atendimento psicanalítico de crianças com autismo, as quais envolvem o contato íntimo com aspectos primitivos do funcionamento mental, a constituição da subjetivação, da identidade, da vida psíquica de modo amplo.

Essas experiências não deixam dúvida de que a psicanálise é uma disciplina em constante transformação. Freud, construtor de seus alicerces, foi exemplo desse dinamismo pelas constantes revisões que fez de sua obra ao longo da vida. E muito evoluímos depois dele, com novas demandas que nos forcem a rever a metapsicologia que nos ampara e a buscar novas abordagens técnicas.

A contemporaneidade nos confronta com a rapidez de mudanças de paradigma e, por meio de uma postura crítica e reflexiva, procuramos lidar com elas da melhor forma possível.

1 Este capítulo é uma versão do artigo publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(4), 75-91, 2022.

Resolvi então me lançar ao estudo de um tema tão atual, polêmico e sobretudo de uma complexidade tal, que talvez precisemos ainda de muito tempo para ter mais clareza acerca dele.

Mais uma vez pesquisei na internet o significado da sigla LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais etc.), e desta fui me lançando a outras pesquisas, até que me deparei com um texto sobre 52 gêneros (Gaspar, 2017), que me serviu de inspiração para batizar o artigo.

Organizando ideias e apresentando dados

Mergulhada no processo de elaboração do tema, pensei nas árduas tarefas que as crianças e especialmente os adolescentes enfrentam na construção de seu processo identitário.

Foram várias as descobertas.

A partir de 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS), na Classificação Internacional de Doenças, (CID-11) (World Health Organization, 2022), reformulou a questão da “disforia de gênero”, retirando-a da categoria dos transtornos mentais, rebatizando-a como *incongruência de gênero* e realocando-a entre as condições relacionadas à saúde sexual. Estamos aqui às voltas com um descompasso entre o corpo sexuado e o gênero social. Embora de fato se trate de um grupo de pessoas em que os problemas emocionais têm relevância – com altas taxas de suicídio, por exemplo –, provavelmente os protestos contra a patologização do diagnóstico, mas também a importância da necessidade de cuidados médicos, devem ter influenciado na mudança. É sabido que o grupo populacional representado nesse diagnóstico é mais exposto à infecção por HIV: algo em torno de 31%, contra 0,4% na população geral (Unaid, 2018). Desde 2017, tratamentos hormonais e cirurgias de redesignação de gênero estão autorizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, as evoluções tecnológicas possibilitam a reprodução assistida, ampliando assim o leque das configurações familiares – embora muitas vezes a ciência desconsidere os desígnios do inconsciente.

São inúmeros os dados sobre o enorme aumento da ocorrência de casos de pessoas que se identificam como transgêneros, ou seja, aqueles que transgridem, que transcendem os gêneros binários masculino e feminino. Tal fato permite-nos pensar numa verdadeira epidemia – e desperta sérias preocupações em virtude de poucos estudos longitudinais acerca das terapias hormonais e das cirurgias de

redesignação de gênero. Mesmo assim já existem relatos acerca dos arrependidos que buscam a destransição (Gryzinski, 2022), bem como dos que se dizem satisfeitos, inclusive constituindo família e até gerando filhos (*Pai e mãe trans*, 2022).

O tema da redesignação é bastante controverso e, no âmbito dos profissionais de saúde, há profundas divergências sobre ele.

Reinach (2018) afirma que a disforia de gênero seria relativamente rara, acometendo uma em cada 2 mil pessoas, mas que nos últimos 15 anos teria havido um aumento de mais de 100 vezes: de 20/ano em 2009 para 1.800/ano em 2016, na Inglaterra.

Nesse país o aumento foi de tal ordem que desestabilizou a Clínica de Identidade de Gênero da Tavistock. O número de encaminhamentos para o serviço passou de 138 em 2010 para 2.383 em 2020. A partir de uma difícil situação jurídica, deixou de ser o único centro de referência, e estão sendo criados outros, de forma que se consiga atender adequadamente essa demanda tão volumosa (Clínica de identidade de gênero para crianças fecha na Inglaterra, 2022).

Na Espanha, o psiquiatra Celso Arango, chefe do Departamento Pediátrico e Juvenil do Hospital Gregorio Marañón, em Madri, informa que, na unidade de internação em que trabalha, costumava receber por ano um ou dois adolescentes que se diziam trans, e que agora eles representam de 15% a 20% dos pacientes (Alsedo, 2022).

Outro dado interessante é o de que ao longo da última década houve um aumento de 4.400% no número de meninas encaminhadas para tratamento de mudança de gênero na Grã-Bretanha (Gryzinski, 2022).

Que hipóteses poderíamos levantar a respeito disso? A sociedade já vinha lidando com as incongruências dos meninos? Em que medida o feminismo teria contribuído para isso? As complexas relações mãe-filha teriam também sua participação?

Um fato curioso é que o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não contempla as categorias de gênero. O IBGE afirma que o tema não seria alvo do censo, mas sim de outra pesquisa (Carneiro, 2022). A partir de 2016 a Comissão de Direitos Humanos de Nova York passou a reconhecer 31 tipos de gênero, mas cheguei a encontrar descrições de 52, 72 e até de 112 gêneros (*Nova York passa a reconhecer 31 gêneros diferentes*, 2016).

Ao buscar dados estatísticos nacionais, descobri que desde 2018 o Conselho Nacional de Justiça autoriza as pessoas trans a alterar o prenome e o gênero na certidão de nascimento, o que também permitiu aos eleitores requerer que sejam identificados pelo nome social (Tribunal Superior Eleitoral, 2022). Naquele ano cerca de 8 mil pessoas fizeram a solicitação; já nas eleições de 2022 foram mais de 37 mil, o que representou um aumento superior a 370%.

Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que entrevistou 6 mil pessoas em 129 municípios do país, revela que quase 2% da população se identifica como transgêneros e não binários (Segalla, 2021).

Se considerarmos que, em 2020, o Banco Mundial calculou que somos 212,6 milhões de brasileiros, isso representaria 4 milhões de indivíduos, o que justifica a implementação de políticas públicas de saúde voltadas para esse grupo.

Sobre a identidade de gênero

Se tempos atrás se costumava falar em identidade sexual, hoje é habitual que se refira a sexo como algo anatômico, geneticamente determinado; e a gênero como uma complexa construção cultural, com a possibilidade de diversos direcionamentos eróticos.

Recentemente circulou pela internet a foto de uma bonequinha bebê com roupinha rosa e exibindo um pênis, acompanhada pelo vídeo de uma pediatra criticando a ideologia de gênero e utilizando politicamente, de modo raso e concreto, a perversidade polimorfa de Freud (1905/1972b), num claro exemplo de associação entre ideologias e fanatismo e de como as narrativas podem ser construídas de forma tendenciosa.

Em 2017, uma reportagem na TV sobre transgêneros que mostrava um garotinho de cabelos longos e vestidinho, andando alegremente de mãos dadas com os pais, levou-me a publicar no blog da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) alguns comentários a respeito, chamando a atenção para o fato de que nossa identidade de gênero tem raízes longas, que vêm da tenra infância e são profundamente ancoradas no inconsciente (França, 2017). Podemos mesmo dizer que elas são até mais antigas, provenientes das nossas heranças psíquicas transgeracionais. Sua construção se dá por meio de um processo dinâmico, no transcorrer da vida, ganhando destaque na adolescência.

Em 2018, por ocasião de uma jornada da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) sobre gênero, organizada pela equipe da Secretaria de Psicanálise de Crianças e Adolescentes da SBPSP, nos deparamos com um vídeo impactante: *Quando o mundo enlouqueceu*. Transcorridos quatro anos, ao rever o vídeo, o impacto não foi o mesmo. Realizado em países desenvolvidos da Europa, vemos crianças num escorregador em forma de pênis, brinquedinhos com formato de genitais, livros sobre homoparentalidade e transgeneridade, bem como escolas nas quais as crianças recebem um tratamento de gênero neutro. Hoje há vários depoimentos de pais que criam seus filhos dentro dessa proposta (Savage, 2022).

Seria mesmo possível destrinchar de forma precisa o que é da natureza e o que é criado pela cultura?

Há quem defenda a origem biológica da transexualidade com base em pesquisas que mostram que, durante a gestação, os genitais se formam antes do cérebro, que tende então a seguir a definição da genitália, mas que esse padrão pode ser alterado sob a ação de hormônios (Saadeh, citado por Jerusalinsky, 2018).

Há também quem afirme não existir evidências de que seria possível haver um cérebro masculino em um corpo feminino (e vice-versa), citando pesquisas sobre estruturas neurais que sugerem que o cérebro de pessoas trans consiste em complexas misturas de regiões masculinas e femininas, semelhante ao cérebro de pessoas cisgênero homossexuais e diferente do de homens e mulheres heterossexuais cisgênero (Guillamon, Junque & Gomez-Gil, 2016, citados por D'Angelo, 2020).

Em face da perplexidade que podemos sentir diante dessas novas formas, cabe lembrar o quanto Freud foi subversivo ao propor os fenômenos inconscientes e, mais ainda, ao afrontar a moralidade sexual da época e incluir as crianças no mundo da sexualidade, com a libido impregnando todos os seres humanos.

O que seria de nós se não fôssemos todos psicanalistas trans, no sentido de algo que transpassa, que atravessa os tempos e se relaciona com as mudanças, com o novo, mantendo, ao mesmo tempo, dentro de nós, o registro da essência da psicanálise?

O mergulho na leitura de textos gerou fortes correntezas internas, que ora faziam eu me sentir perdida, confusa – como no relato do atendimento de um paciente masculino gay cisgênero por um analista trans masculino (Hansbury, 2017) –, precisando alçar à superfície de referências mais familiares, ora me causavam indignação por perceber posturas rígidas, talvez até reacionárias.

Seriam estas uma forma de se contrapor ao poder do “politicamente correto” raso e igualmente empobrecedor? De todo modo, sabemos o quanto conceitos saturados, preconceitos de toda ordem e mesmo rótulos podem oferecer ancoragem a navegantes sem bússola.

As pessoas são – realmente – quem elas dizem ser?

Talvez a frase “*People are who they say they are*”, do psicólogo clínico Colt St. Amand – sobre as pessoas serem quem elas dizem ser –, esteja descontextualizada na matéria em que foi publicada no jornal *The New York Times* (Bazelon, 2022). No entanto, ela se presta a pensar não apenas na desconsideração pela vida de fantasia da criança e nos transtornos de pensamento, mas sobretudo no risco que uma afirmação como essa representa para as pessoas de modo geral, e para as crianças e os jovens de modo especial, em seu dinâmico processo de construção identitária.

Quem, quando criança, nunca pensou em ser astronauta ou outras possibilidades que despertam a atenção e a curiosidade infantis? Quem não se deparou com adolescentes tomados por angústias frente a desarmonias na relação mente-corpo e se dizendo feios, altos ou baixos demais, gordos ou magros? Quem, em hospital psiquiátrico, nunca encontrou alguém que se dizia um enviado de Deus?

No início de nossa vida precisamos contar com a indiferenciação, a fusão narcísica, com o objeto primário, para progressivamente suportar a diferenciação eu-outro, noção que hoje acreditamos que, em algum nível, esteja presente desde sempre.

Entretanto, pela dor que ela envolve, lutamos contra essa noção com unhas e dentes, com funcionamentos adesivos, identificações projetivas, tentativas de controle sobre o objeto, angústias de separação. Embora nós, humanos, sejamos sobretudo seres relacionais, constituídos na intersubjetividade, a ideia de sermos sós é por demais dolorosa.

Ponce de León (2016) sugere que hoje faz mais sentido pensar em funções parentais do que em função materna ou paterna, e considerar que, entre as funções parentais, a função diferenciadora é a que nos abrirá portas para o reconhecimento das diferenças entre os sexos, entre as gerações – enfim, para a alteridade. Penso na aproximação dessa proposta à de Fiorini (2018) acerca da terceiridade como viabilizadora da relação com o outro, o diferente.

Freud (1905/1972b) chamou a atenção para a sexualidade psíquica e para a transformação de nossa bissexualidade ao longo do dinâmico processo de constituição identitária, que ganha protagonismo na adolescência.

O complexo de Édipo, proposto por ele como estruturante da vida psíquica, vem ganhando novas roupagens. Fiorini (2014) faz a interessante sugestão de não apenas ampliarmos o alcance desse complexo, transcendendo o modelo de família nuclear, tradicional (ela cita Deleuze), mas também de considerá-lo de uma perspectiva triádica (não só binária), o que demanda a condição de sustentar a tensão, a possibilidade de conviver com conflitos, e não somente resolvê-los, pensando para um lado ou outro.

Quem sabe devêssemos pensar no modelo da lógica binária, base de todo o processamento computacional?

Acerca do complexo de castração, Fiorini propõe pensarmos na falta, na nossa incompletude, no reconhecimento da alteridade possibilitado pela terceiridade, que nos permite ingressar no maravilhoso mundo da representação, da criatividade, do simbólico e da cultura.

Mas se de fato há, na tenra infância, toda uma resistência à noção de separação do objeto primário, na adolescência a luta se dá no sentido inverso: há uma busca de autonomia, independência e uma (re)criação identitária.

As transformações da puberdade impõem ao adolescente o confronto com um novo corpo, muitas vezes sentido como insatisfatório, ou mesmo perseguidor, frente a idealizações e expectativas inconscientemente guiadas. É o momento em que o adolescente faz ressignificações edípicas importantes, momento considerado como uma nova oportunidade de elaborar conflitos dos quais possa não ter dado conta anteriormente.

Ferrari (1996) propõe a ideia de *segundo desafio* – o primeiro se dá logo após o nascimento, em que a partir da fisicidade construímos o que ele chama de corporeidade (o corpo encarnado), até alçarmos à psiquicidade, pondo o corpo em eclipse. Na adolescência, o corpo novamente é protagonista e uma (re)construção da subjetividade se faz necessária. Não à toa Erikson (1973) propõe a *crise adolescente*, uma verdadeira crise de identidade.

Entretanto, embora a criação de uma nova identidade seja posta em movimento, forçada não apenas pelas transformações corporais decorrentes do surgimento das características sexuais secundárias, mas também pelas novas

demandas sociais, não há como o corpo ficar eclipsado, nem a pulsionalidade pujante arrefecer.

Os corpos são investidos e customizados com piercings, tatuagens, cortes, cicatrizes, cabelos raspados, com dreads ou coloridos. Como tela de projeção do mundo interno dos jovens, são revestidos por roupagens que os escondem, sugerem personagens ou expressam suas visões sobre gênero e orientação sexual. Do meu ponto de vista, constituem-se em verdadeiras peles secundárias (Bick, 1987), frente às intensas angústias identitárias.

O caso de João

Retomando a frase citada na abertura da seção anterior, lembrei-me do caso de um menino que chegou para atendimento com 3 anos e 10 meses. A mãe achava que o problema era o ciúme da irmã, nascida quando ele tinha 2 anos, e que devido a isso andava querendo usar “coisas de menina”. Os pais descreveram a irmã como muito engraçadinha e cativante.

O pai considerava que as questões eram anteriores ao nascimento da irmã. Contou que, quando João nasceu, a mãe trabalhava demais e quem cuidava do filho era ele, o pai. Depois do nascimento da irmã, a mãe perdeu o emprego e conseguiu se dedicar aos cuidados dela.

Percebi da parte da mãe um movimento reparatório na direção de João, talvez causando certo desconforto no pai.

Outro dado mencionado pela mãe foi que, como João não tolerava frustração, ela se valia da seguinte artimanha: dizia para ele o contrário do que esperava que ele fizesse, contando que ele faria o que ela queria. Nos momentos em que João reagia às frustrações com raiva, a mãe ficava com medo de uma possível reação agressiva da parte do pai.

Quando João chega para a avaliação, vejo que se parece demais com a mãe – e eu o acho uma graça. Logo que o chamo, estende a mãozinha para mim e seguimos de mãos dadas para a sala. Penso que ele está em busca de uma ligação firme e segura.

Relatarei alguns trechos dos atendimentos iniciais.

João observa o que há na sala de semelhante com a escola e com sua casa – uma forma de se relacionar com o novo da situação.

Noto que o aspecto de imitação nele é muito forte, ao reproduzir gestos e comentários que faço.

Sabemos que a imitação é um importante passo no processo identificatório, mas aqui pensei na fragilidade de suas introjeções e da constituição da sua pele psíquica (Bick, 1987).

Enquanto desenha, cantarola feliz, e diz que azul é cor de homem e rosa é cor de mulher, e que ele gosta de rosa. Pede que eu pinte um palitinho de rosa e outro de azul. Ou seja, ele pesquisa as diferenças sexuais e se declara identificado com o feminino, muito à vontade, percebendo minha receptividade a ele.

Porém, o que representaria o feminino para ele? Uma forma de declarar amor à mãe e estreitar o vínculo com ela?

Olha para mim, observa o brinco que uso em formato de caracol e me desenha com cabelos coloridos e com o brinco. Detalhe: desenha de ponta-cabeça! Em seguida, pede que eu o desenhe.

Penso na confusão de planos e de gênero. Ele, menino, fascinado pelas “coisas de menina”. Interessado em mim e pesquisando minha condição de vê-lo como pessoa – algo até mais amplo e anterior à sua identidade sexual. Noto também seu apego à sensorialidade no uso das cores.

Sente vontade de ir ao banheiro. Diz que vai sozinho, que a mãe deixa e que não é para eu ir vê-lo, que ele sabe chacoalhar seu pipi para a roupa não ficar molhada. Nesse momento, parece excitado e fica parado na porta da sala. Nota meu colar e comenta que a mãe tem um igual, só que é cor de rosa. Penso na conjunção das excitações excretória e sexual e na vivência de confusão entre ter um pênis – de menino – e sentir-se atraído pelas “coisas de menina”.

Quando ele se interessa por detalhes sensoriais a meu respeito, seria um fenômeno de angústia identificatória, aderindo a um elemento sensorial e tomando a parte pelo todo. Como se meu brinco e meu colar fossem um apego à feminilidade por desespero – e não por opção (R. Coimbra, comunicação pessoal, 12 de novembro de 2022).

Em outra sessão, diz que quer ir ao banheiro fazer xixi, põe a mão nos genitais, mexe na cola e diz que a cola é nojenta. Será que sentia seus genitais masculinos nojentos como a cola?

Outro dia, desenha uma cobrinha com o rabo bem colorido e diz: “Esse é o bebê. Agora vamos fazer a mamãe!”. O desenho do bebê/cobra é bem estruturado,

mas João se atrapalha com o desenho da mamãe. Com isso, o resultado fica parecendo duas cobras confundidas em uma só. Ou seja, vale-se de um símbolo fálico para representar a função materna, mas acaba representando a confusão das funções parentais.

Em seguida diz que a cobra sobe até a boca do vulcão e que há um vulcão que fala e outro que não fala. Penso na união edípica. Relaciono o vulcão que fala com o pai (sua masculinidade e agressividade), e o que não fala, com a mãe.

O ciúme da irmã, sentida como usurpadora dos pais e detentora do sexo por ele idealizado, é possível de ser compreendido.

Em vários momentos no início do trabalho dizia algumas coisas incompreensíveis e parecia estar num estado de mente confusional, beirando o psicótico.

João ficou em análise durante quatro anos. Na sessão de despedida chutava a bola com tanta força e potência que precisei dizer a ele que tomasse cuidado para não nos machucar.

Penso que se os pais fossem adeptos da ideologia de criar os filhos de forma neutra, talvez João não teria chegado até mim e seria visto como a pessoa que ele dizia ser. Aí reside a importância de um olhar mais profundo para o entendimento do que se passa com as crianças, e não apenas aceitar e tomar suas expressões como algo fixo, estabelecido.

Coimbra (2014) relata o atendimento de um menininho de 3 anos e 8 meses que chegou dizendo que queria ser uma princesa. A postura dos pais, “politicamente correta”, de que essa seria a “escolha” do filho tentava dar conta de seus receios com respeito à homofobia. A avaliação psicanalítica revelou uma criança com falhas na relação primária, a existência de angústias depressivas e tentativas de reparação maníaca no apego excessivo à mãe e a tudo o que dizia respeito a ela.

Além disso, foram observados elementos de um casal combinado (identificação da criança com a fada-madrinha e sua vara de condão, representada por uma caneta), permitindo pensar numa configuração edípica pré-genital em que não há discriminação entre a identidade separada de cada um dos pais – como o desenho de João.

A autora também alerta para o risco de um momento do desenvolvimento se fixar. No lugar então de uma escolha, como acreditavam os pais ao chegar, poderíamos na verdade pensar numa falta de escolha?

Outro artigo interessante é o de um psicanalista – gay – sobre o atendimento de um paciente trans masculino, cuja vida colapsou após a cirurgia de redesignação de gênero, na qual havia depositado suas expectativas de que seria a solução para suas angústias, o que não se confirmou. O analista ressalta que por vezes o paciente pode se esconder por trás do gênero pelo qual quer ser reconhecido e que o gênero não seria a questão central das angústias (D'Angelo, 2020).

Transcrevo um trecho do artigo:

Perturbou-me saber que eu poderia ter feito a transição, caso tivesse nascido na época atual. Talvez, como eu, Josh pudesse ter sido ajudado a encontrar outra solução, que implicasse negar-se a ser definido pelo modo como nossa cultura constrói o gênero, antes de alterar cirurgicamente seu corpo. Goldner (2011) observou que as subjetividades trans “tanto minam quanto ratificam o gênero binário”. (D'Angelo, 2020, p. 118)

Quem já teve a oportunidade de conhecer as cirurgias de redesignação fica impactado com a concretude como tudo é tratado: seios extirpados ou implantados, pênis criados ou removidos, vaginas construídas, e assim por diante, num arremedo do que seria o corpo do gênero buscado.

O caso de Joana

A mãe de Joana, 14 anos, me procura. Peço que venham as duas e atendo Joana primeiro. Diz que veio porque a mãe se preocupa demais, que está tudo bem com ela, que faz terapia desde pequena e já teve várias psicólogas. Acha um absurdo pagar alguém para conversar, que é uma coisa que não adianta nada. Afirma que o que ela quer mesmo é fazer uma transição de gênero.

Conta que foi adotada aos 9 meses, que a mãe é solteira e que ela não tem irmãos. Na escola quase não é convidada para as festas e, quando vai, fica de lado, mas que não está nem aí. Ou seja, mobiliza defesas maníacas contra sua dor de não conseguir incluir-se no grupo de pares.

Joana é uma garota negra, gordinha. Não disfarça o mau humor e a má vontade para comigo. Quando a mãe entra para conversarmos juntas, passa a exhibir franca hostilidade, falando palavrões, dizendo que a mãe enche o saco, que na verdade não tem preocupação, que o que quer mesmo é se meter na vida dela. Seriam

para Joana formas de expressar uma força que identifica ao masculino, além de defesas contra uma angústia de violação ligada ao feminino?

A mãe diz estar preocupada com a insônia da filha e com o fato de ela se cortar. Diz que Joana se sente menino e que tirou o celular dela porque só frequentava páginas LGBT+ Amino.²

Percebo que, na intermediação da conversa entre as duas, exerço uma função paterna. Proponho que Joana volte para conversarmos. Ela diz que não quer fazer terapia. Sugiro que venha, mesmo contrariada. Diz que não voltará, e eu digo que a esperarei. E com isso estamos juntas há quase cinco anos.

Joana é fruto de gestação gemelar, em que o irmão foi natimorto. Assim que nasceu, foi levada para um abrigo, onde havia a orientação de rodízio entre as cuidadoras, para que não se apegassem aos bebês.

Quantas perdas concretas e simbólicas Joana teve de enfrentar desde muito cedo! Mais tarde, levantei a hipótese de que talvez ela tenha a fantasia de que, se tivesse nascido menino, não teria sido abandonada pela mãe biológica.

A mãe conta sua triste história: aos 3 anos, sua mãe se suicidou; o pai casou-se novamente, e a madrasta teve um papel importante; Joana tinha ótimo contato com o avô, hoje já falecido; atualmente, o tio é referência de figura masculina.

Quando a mãe comenta que Joana gosta de desenhar, penso que essa poderá ser uma via de acesso e resolvo atendê-la na sala de crianças. No transcórre do processo, passamos à sala de adultos.

Quando Joana chega, diz que a psicóloga anterior não queria saber da história de ela se ver como homem e me pergunta se vou ajudá-la a conseguir fazer uma transição. Observo que não trabalho com encaminhamento para transição e que vou atendê-la como uma pessoa inteira, não só como alguém com questões de gênero.

Noto que tem várias cicatrizes no braço e lindos olhos amarelados, que me fazem fantasiar acerca da sua origem. Enquanto desenha, conversamos. Fico sabendo dos seus relacionamentos virtuais: tinha uma amiga homossexual e uma namorada trans feminina.

2 Amino é uma rede social que apresenta comunidades dedicadas a diversos temas. Uma dessas comunidades se chamava LGBT+ Amino, que acabou sendo excluída em razão de publicações indevidas.

Logo após o início do nosso trabalho, chegou triste a uma sessão. Disse que, segundo a amiga, a namorada não queria mais saber dela. Ficou muito brava com a amiga por ter demorado a lhe contar o motivo de a namorada não falar mais com ela. Um triste “enrosco” edípico.

Embora eu soubesse que na escola queria ser reconhecida como Joca, Joana “me perdoava” por sempre chamá-la pelo nome de registro e tratá-la pelo pronome feminino. No início, ao referir-se a si mesma, oscilava entre pronomes masculinos e femininos. Atualmente utiliza apenas pronomes masculinos.

Depois desse namoro, Joana teve relacionamentos virtuais com três rapazes pansexuais (sic). Mas o que mais me preocupava era seu namoro com a morte – fortalecido pelas músicas que ouvia na Sadstation³ e pelas sugestões encontradas na internet sobre como cometer suicídio – e as ameaças de não retornar, de “fazer uma grande merda”, que me deixavam muito aflita.

Por algum tempo, manteve os cortes nos braços (dizia sentir-se viva ao fazê-los), mas os pensamentos suicidas foram uma constante no nosso trabalho, ficando exacerbados nas datas próximas ao seu aniversário. Foi muito chão até percebermos que, ao namorar a morte, incluía-se na família, identificando-se com a avó que se suicidou.

Ao lado dos pensamentos suicidas, apresentava também as vivências quanto ao preconceito de gênero e racial. Houve momentos de intensas angústias depressivas, defesas maníacas e vivências beirando a psicose.

Sua autoestima era sempre muito baixa. Às voltas com seus maus objetos internos, dizia ser um erro ambulante, um feto estragado, e que sua vida era uma merda. Embora se dissesse tranquila com respeito à adoção, raramente levava adiante uma conversa sobre o tema.

Passamos por tormentas terríveis no período em que se deixava ser abusada sexualmente na praça próxima ao meu consultório. Associamos essas experiências a uma identificação com as fantasias a respeito da mãe biológica. Sobre o pai biológico, imaginava que ele seria imigrante.

Durante a pandemia mantivemos nossos atendimentos online, com sessões difíceis, em que nos comunicávamos apenas por texto (o que já havia acontecido presencialmente), e com outras muito interessantes, em que me mostrava as plantas que cultivava, sua criação de girinos, o gato Solemio (uma adoção

3 Estação virtual que toca apenas músicas tristes.

bem-sucedida!), seu quarto – ora sujo e desorganizado, o colchão no chão, ora com nova pintura, cama e arrumação.

Sobre seus namoros: por meio deles, fortalecia seus impulsos libidinais, podia amar e sentir-se amada. É interessante notar que os três últimos namorados eram do sexo masculino e pansexuais, o que funcionava bem com Joana, de sexo feminino e trans masculino. O primeiro relacionamento, com a namorada trans feminina, eu não acompanhei. O segundo foi com um rapaz mais velho do que ela, que morava numa cidade próxima. Com ele Joana encontrou-se apenas uma vez e veio à sessão na maior alegria, contando que ele era muito legal, que se “pegaram” e que ela quase perdeu a virgindade. O terceiro foi com um rapaz que morava em outro estado. Nunca se encontraram, mas levavam a relação virtual de uma forma que a transformavam num arremedo de presencial: viam filmes e dormiam “juntos”. Começou a reunir utensílios domésticos, sonhando com a possibilidade de viverem juntos.

O atual namorado (o terceiro do sexo masculino e pansexual) vive no interior de São Paulo. No fim de semana do Dia dos Namorados, a mãe decidiu bancar a viagem para que ela fosse encontrá-lo. Armou-se com seu *binder* (faixa que aperta os seios), arrumou os cabelos de jeito masculino e apresentou-se à família dele com o atual nome social. Foi alvo de agressões por parte da mãe do rapaz, extremamente religiosa, mas adorou estar com ele.

No início, quando se atacava, dirigia também a mim o seu ódio. Hoje, no entanto, a qualidade do nosso contato é outra. Ela demonstra confiança e afeto. Ou seja, temos conseguido mitigar a força da sua pulsionalidade destrutiva.

As ideias suicidas deram trégua até próximo ao aniversário de 19 anos, quando as retomou, lembrando que havia prometido a si mesma se matar quando chegasse aos 18 se sua vida continuasse uma merda. Chegou aos 19 e não se matou, e não faz isso porque o namorado, o gato, a mãe e eu ficaríamos muito tristes. Ou seja, demonstra uma reparação de seus objetos internos.

Em sessão recente, fala da saudade que sente do namorado e de como faz falta a presença do corpo. Observa que, depois que esteve com ele, sabe que não é a mesma coisa, que o sexo virtual não passa de uma masturbação a dois.

É desnecessário falar das dificuldades escolares de Joana, bem como das dificuldades de socialização. Entretanto, ao lado dos sonhos de viver com o namorado, tem pensado no seu futuro profissional frente à possibilidade de terminar o ensino médio. Pensa em algo relacionado a animais, já que os ama tanto.

Espero ter deixado claro que, de fato, a questão de gênero é um aspecto importante no panorama das angústias de Joana, mas não é o que define tudo.

Considerações finais

Gostaria de abordar a questão do contágio psíquico. Um exemplo dessa situação se deu na Europa após a publicação do livro *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774/2020), de Goethe, em que um rapaz se apaixona por uma mulher que está para se casar com outro homem e a desilusão amorosa o leva a tirar a própria vida. O que aconteceu foi que houve uma onda de suicídios na sequência, conhecida como *efeito Werther*, termo cunhado por David Phillips em 1974 (Brito, 2019). Hoje o efeito de contágio pela divulgação de suicídios é tão conhecido que se procura evitá-lo abafando a ocorrência de fatos trágicos.

Estudos realizados nos Estados Unidos demonstraram aumento na taxa de suicídios entre jovens em abril de 2017, um mês após o lançamento da série *13 reasons why* (Brito, 2019).

Da mesma forma que se dá com os agentes infecciosos – em que não basta entrar em contato com eles; é preciso haver uma conjunção de fatores, entre os quais uma baixa imunidade, ou seja, uma vulnerabilidade –, o contágio psíquico afeta aquelas pessoas em que o impacto dos fatos produz forte ressonância afetiva.

Penso que algo assim está acontecendo com as questões de gênero, que encontram, especialmente nos adolescentes, terreno fértil para proliferar. Frente a tantas inseguranças e indefinições sobre o que o futuro lhes reserva, sem mais poder contar com a infância, que se tornou passado, agarram-se, por vezes até de modo fanático, a ideologias que sentem lhes trazer algum amparo no presente, em busca de saber quem são – e, quem sabe, poder ser tudo.

Creio que isso ocorre com as questões de gênero. A ideologia abre um leque de possibilidades e certezas aos jovens, oferecendo-lhes amparo.

Os valiosos movimentos sociais que levaram à emancipação das mulheres e a todas as lutas contra a repressão sexual e o machismo podem correr o risco de serem infectados pelos elementos gama (γ) e passarem a disseminá-los.

Segundo Sor e Senet de Gazzano (1992), esses elementos seriam os responsáveis pelos aspectos fanáticos da mente. Diferentemente dos elementos alfa (α), ligados aos aspectos psicanalíticos da personalidade e relacionados às transformações em pensamento, e dos elementos beta (β), ligados à parte psicótica e

relacionados às transformações em alucinação, como proposto por Bion, eles não promovem transformações. Os elementos γ se valem dos α e β como vetores, resultando num funcionamento fanático: não abrem espaço para a dúvida. Só existem verdades absolutas e certezas irredutíveis, afetando severamente a capacidade de pensar e a consideração pelo diferente do outro. Quando veiculados pelos elementos β , sua qualidade *fake* é mais facilmente denunciada.

Assim, vejo tanto os riscos do fanatismo das bandeiras desfraldadas quanto os riscos para nós, psicanalistas, se não pudermos nos abrir ao novo.

O Q de LGBTQIAP+ corresponde a queer, ou seja, estranho. Hoje é uma forma de designar todos os que não se encaixam na heterocisnormatividade binária genética e biologicamente determinada.

Para Freud (1919/1972a), o sinistro, o tenebroso, teria a ver com algo secreto e ao mesmo tempo familiar, algo que provoca um transtorno pelo estranhamento – assim como nos sentimos diante dos enigmas e mistérios da sexualidade quando crianças e, hoje, como adultos, diante da realidade com a qual nos confrontamos no que diz respeito a gênero.

Se de início eu me surpreendi com os 31, 52 e até 112 tipos de gênero, ao finalizar este capítulo eu diria que isso é muito pouco, diante da diversidade do ser humano, em que cada qual só pode ser idêntico a si mesmo.

Referências

- Alsado, Q. (2022, 8 de outubro). El jefe de psiquiatría juvenil del Gregorio Marañón: “Vivimos un boom de jóvenes que dicen ser trans por moda y en realidad no lo son”. *El Mundo*. <https://bit.ly/3CcIovt>
- Bazelon, E. (2022, 15 de junho). A medical frontier: doctors who provide gender-affirming care are split on how to evaluate teens. *The New York Times*. <https://nyti.ms/3hFLgbv>
- Bick, E. (1987). A experiência da pele em relações objetais arcaicas. *Jornal de Psicanálise*, 20(41), 27-31.
- Brito, C. (2019, 18 de setembro). Efeito Werther: como um suicídio pode afetar outras pessoas. *Galileu*. <http://glo.bo/35Vh7dx>
- Carneiro, L. (2022, 23 de março). IBGE reafirma que censo não é adequado para abordar orientação sexual e que dado constará de outra pesquisa. *Valor Econômico*. <http://glo.bo/3WemHBr>

- Clínica de identidade de gênero para crianças fecha na Inglaterra depois de relatório classificar serviço como “inadequado”. (2022, 29 de julho). *Crescer*. <http://glo.bo/3PJEK07>
- Coimbra, R. E. L. (2014). O caminho do arco-íris: a esperança perdida. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 97-103.
- D'Angelo, R. (2020). The man I am trying to be is not me. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(5), 951-970.
- Erikson, H. E. (1973). *Infancia y sociedad* (N. Rosenblatt, Trad.). Hormé.
- Ferrari, A. B. (1996). *Adolescência: o segundo desafio* (M. Mortara, Trad.). Casa do Psicólogo.
- Fiorini, L. G. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 47-55.
- Fiorini, L. G. (2018). Intersubjetividade, alteridade e terceiridade: uma relação necessária. *Livro Anual de Psicanálise*, 32, 177-186.
- França, M. T. B. (2017, 26 de maio). Reflexões sobre identidade sexual. *Blog de Psicanálise: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*. <https://bit.ly/3HPOFYX>
- Freud, S. (1972a). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 273-317). Imago. (trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1972b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 123-134). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gaspar, S. (2017, 17 de julho). 52 opções de gênero: é possível? *Cultura e Gênero: Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero*. <https://bit.ly/3V6OSRD>
- Goethe, J. W. (2020). *Os sofrimentos do jovem Werther* (M. M. Cardozo, Trad.). Penguin-Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1774)
- Gryzinski, V. (2022, 17 de outubro). A “destransição”: o caso dos arrependidos que fizeram mudança de sexo. *Veja*. <https://bit.ly/3YFbrQ4>
- Hansbury, G. (2017). The masculine vaginal: working with queer men's embodiment at the transgender edge. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 65(6), 1009-1031.
- Jerusalinsky, J. (2018). A criança diante do enigma da sexualidade em tempos do corpo montado. In R. M. M. Mariotto (Org.), *Gênero e sexualidade na infância e adolescência* (pp. 86-115). Ágalma.

- Nova York passa a reconhecer 31 gêneros diferentes. (2016, 4 de junho). Catraca Livre. <https://bit.ly/3G7B5pn>
- Pai e mãe trans: casal mostra etapas da gravidez, parto e amamentação. (2022, 11 de julho). UOL. <https://bit.ly/3YzJvx3>
- Ponce de León, E. (2016). *Função diferenciadora parental: matriz da alteridade e da diferença sexual* [Apresentação de trabalho]. 36º Encontro Inter-Regional Fepal de Psicanálise de Crianças e Adolescentes, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo.
- Reinach, F. (2018, 15 de novembro). Disforia de gênero. *O Estado de S. Paulo*. <https://bit.ly/3hz1ByR>
- Savage, M. (2022, 7 de outubro). As crianças que estão sendo criadas sem gênero. *BBC News Brasil*. <https://bbc.in/3vhZ9zR>
- Segalla, V. (2021, 22 de novembro). Brasil tem 4 milhões de pessoas trans e não binárias, revela estudo da Unesp inédito no país. *Brasil de Fato*. <https://bit.ly/3G6XWl5>
- Sor, D., & Senet de Gazzano, M. R. (1992). Reverie. In D. Sor & M. R. Senet de Gazzano, *Fanatismo* (pp. 17-34). Ananké.
- Tribunal Superior Eleitoral (TSE). (2022, 22 de julho). *Eleitorado com nome social aumentou 373,83% entre 2018 e 2022*. <https://bit.ly/3V8PJRD>
- Unids. (2018, 19 de junho). *OMS anuncia retirada dos transtornos de identidade de gênero de lista de saúde mental*. <https://bit.ly/2JOMAH4>
- World Health Organization. (2022). *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD)*. <https://bit.ly/3BMUVUk>

4. Sexualidade e gênero: indagações

Regina Elisabeth Lordello Coimbra

O tema deste capítulo contém dois conceitos que requerem análise: sexualidade e gênero são enfoques amplos no tempo e no espaço, podendo ser considerados multidisciplinares. A teoria da sexualidade criada por Freud está à disposição para a leitura de seus diversos artigos. Os autores pós-Freud e suas muitas teorias concordam sobre a presença da sexualidade humana em um universo somatopsíquico expresso pelas pulsões libidinais a partir dos primeiros momentos de vida do bebê. Enquanto gênero, um conceito mais recente, com forte componente de outras áreas como sociologia, antropologia, psiquiatria, busca definir a masculinidade e a feminilidade que se expressam na maneira de falar, andar e vestir-se, por exemplo.

O caminho que escolhi para conversar com vocês parte de algumas indagações construídas a partir de minha experiência clínica como psicanalista. Aprendi a valorizar a linha do desenvolvimento emocional desde bebês até o mundo adulto. Vou começar destacando a importância de conhecermos os estados mentais primitivos e sua função estruturante, pois na falta dessa competência haverá prejuízos na construção da subjetividade com repercussões em várias áreas do desenvolvimento emocional. Este será o vértice da apresentação das minhas ideias, enfim indagações que têm me acompanhado.

A psicanálise desde bebê até adultos está apoiada nos mesmos conceitos fundamentais que constituem o método psicanalítico. Assim, não existem duas psicanálises, há uma só com peculiaridades e especificidades técnicas próprias de cada faixa etária: desde bebê/criança/latente/adolescente até a vida adulta. Serão momentos de passagem e de transitoriedade dialética da corporeidade à

constituição da subjetividade a caminho da vida mental adulta e suas repercussões nas áreas de sexualidade e gênero.

Vejam alguns autores, dentre muitos que falam sobre a dupla pais-bebês. Winnicott informou que um recém-nascido sozinho não existe. No início da vida psíquica o bebê não existe fora da relação com a mãe (ou seus cuidadores), portanto a vida psíquica é uma criação compartilhada entre o bebê e a mãe.

“Não nascemos pais, tornamo-nos pais.” “A parentalidade se fabrica com ingredientes complexos. Alguns deles são coletivos, pertencem à sociedade como um todo, mudam com o tempo, são históricos, jurídicos, sociais e culturais. Outros são mais íntimos, privados, conscientes ou inconscientes, pertencem a cada um dos dois pais enquanto pessoas, enquanto futuros pais, pertencem ao casal, à própria história familiar do pai e da mãe”. (Moro, 2005/2025, p. 1)

Interessante observar que Moro começou pelo coletivo, em que estão o social e a cultura e também as ideias sobre gênero, para depois trazer a intimidade emocional e a qualidade do encontro pais-bebês.

Portanto, podemos pensar que o coletivo fará parte do palco das experiências emocionais primitivas e constitutivas, principalmente trazendo a inter e a transgeracionalidade em suas várias matizes. Eu me refiro aqui ao fenômeno da transmissão psíquica transgeracional que ocupa um lugar fundamental ao lado da transmissão genética. O que não pode ser elaborado e introjetado por uma geração será projetado à geração seguinte, como traumas inconscientes em que a criança não os viveu diretamente e o alienam de si mesmo, induzindo-o a viver uma história que não é sua.

Quando pensamos nas mentes dos pais como participantes da constituição da mente do filho, chegamos ao conceito da parentalidade, definida por Lebovici (2004), “A noção de parentalidade não inclui apenas o sentido biológico do termo. Mais, ser pai ou mãe não é só ter um filho, mas é também uma oportunidade para refletir a respeito de sua descendência” (p. 21). Aqui tem lugar o bebê imaginário, o corpo imaginário e uma história imaginária. Um filho estará mais a salvo se a mãe puder colocar no colo o bebê imaginário e nele descobrir o bebê real.

O bebê vai colaborar com os pais para constituir as funções de parentalidade. Aliás, trabalho de mão dupla: haverá participação ativa das competências do bebê

apresentando-se aos pais, buscando e os estimulando narcisicamente e tornando-os disponíveis para construir a inscrição de seu bebê, em suas mentes, senão o filho não existirá, eles olham, mas enxergam outra criança. Esse modelo de pensamento de dupla participação na constituição da subjetividade será a perspectiva que vou conversar.

Acrescento as ideias de Bernard Golse (2004) e seu trabalho com os bebês. O autor apresenta como nos sentimos ao estar próximos deles, ao nos depararmos com nossas angústias primitivas de todas as naturezas, ao sermos mobilizados a entrar em contato com o bebê que existe em nossa história, nossos impactos transgeracionais e intergeracionais, presentes na criança mítica, imaginada, narcísica e fantasmática.

“La construcción del vínculo entre una madre y su bebé puede ser visto como una historia de encuentros y desencuentros, de claridades y opacidades, de armonías y desarmonías” (Guerra, 2020, p. 61). Guerra faz um longo estudo sobre o padrão desse ritmo ambiental, ressalta sua importância dentro das seguintes perspectivas: previsibilidade; organização no tempo; continuidade psíquica; integração de polaridades; integração de polisensorialidades; lei materna e criação artística como metáfora da subjetivação.

No caso de dificuldades no desenvolvimento, a instabilidade dos fatores descritos anteriormente coloca a questão dos ritmos no centro da cena, condição que estimula o funcionamento de busca de controle do objeto primário, pelo temor da angústia de desmantelamento.

Tustin (1990), no seu célebre artigo “O ritmo de segurança”, ao abordar o tema e sua função no *setting* terapêutico, diz que, no espaço transferencial, a experiência da dupla é similar à encontrada na relação ambiente e bebê. Para a autora, o ritmo relacional dependerá do ritmo individual de cada elemento da dupla. Quando isso acontece no espaço analítico, poderá favorecer que o paciente realize a diferenciação psíquica entre ele e o outro. Vemos assim que os ritmos fornecem, no início da vida, um padrão de experiência no qual o previsível se entrelaça com o novo, a continuidade com a ruptura.

Tustin e Guerra falam sobre ritmo: quando houver o compartilhar de um ritmo, os contrastes e as diferenças são experimentados com segurança. Previne-se as experiências de intrusividade e indiscriminação eu-outro.

A função de pele psíquica, como delimitadora corporal e de espaço psíquico apresentada por Bick (1968/1987), e função alfa, descrita por Bion (1962),

favorecem a construção da continência permitindo a constituição da subjetividade em ritmo compartilhado entre intervalos de descontinuidade/continuidade. Trata-se do momento em que os contrastes, as diferenças e os limites, vão se constituindo como ingredientes fundamentais para o desenvolvimento emocional.

Portanto, como as diferenças se constituem? A participação das instâncias primitivas na discriminação eu-outro será o ponto de partida da minha proposta para pensar as *consequências psíquicas do tumulto das diferenças*.

A construção do modelo, inicialmente interpessoal e dual, será a matriz para a expansão de duas para três ou mais pessoas, construindo a presença dos pais, da família e de seu entorno: a escola, a cultura e o social. Assim, penso ser importante discriminar que a cultura e o social chegam até o bebê pela interação com os estados emocionais dos pais. Os impactos acelerados da cultura contemporânea estão aí diante de nós, a efemeridade do tempo deixa marcas fugazes no mundo interior das pessoas. Há riscos de essas marcas se transformarem em apenas retalhos tatuados em superfícies, como sugerem Bick (1968/1987) e Meltzer (1986) ao definirem a constituição da segunda pele, mecanismo defensivo como proteção às ameaças de desmantelamento.

As experiências vividas na bidimensionalidade (Meltzer, 1986) terão continuidade na qualidade de objeto parcial, quando coisas e pessoas são percebidas de maneira confusa, funcionando em sistema binário e proto-simbólico. Não há memória, são raras as noções de espaço e tempo com características onipresentes e oniscientes. As angústias persecutórias prevalecem, enquanto as percepções concretas do corpo, das diferenças sexual e do gênero estão distantes de significado emocional. São vividas muitas vezes como situação edípica absoluta, podendo a criança experienciar ser pai/mãe, homem/mulher, masculino/feminino, simultaneamente; ou ainda viver as partes pelo todo, em estado absoluto, ser o criador de si mesmo, por meio do triunfo narcísico.

Importantíssimo lembrar que nos momentos iniciais da vida neonatal e de constituição da subjetividade, a criança não tem condições de perceber a totalidade do corpo da mãe ou do cuidador, apenas partes isoladas. A percepção de detalhes precede a de conjunto, que para constituir-se exigirá a síntese dos dados sensoriais, fato não compatível para esse momento. Também importante lembrar que a criança vai receber por identificação projetiva as fantasias inconscientes a respeito dos corpos da mãe e do pai.

Será apenas num segundo momento que a criança perceberá a pessoa da mãe, a partir de experiências mais realistas que se estendem ao mundo além da mãe, do pai e dos irmãos. O mesmo ocorre com as experiências emocionais funcionando pela perspectiva de relações de objeto total com a presença do desenvolvimento simbólico e discriminação do fora e do dentro (realidade interna e externa), noção de temporalidade instalada, capacidade de viver a ambivalência em nível da bissexualidade psíquica e relação mais realística e amorosa com os pais.

Fiorini (2015) traz uma interessante conexão, que ela chamou de pensamento triádico no interjogo entre diferença sexual, diferença de gêneros, que se produz no marco da heterogeneidade anatômica. Propõe que a subjetividade sexuada se constrói na intersecção de três categorias:

- os corpos;
- as ideias de gênero;
- os desejos fantasmáticos no campo das diferenças sexuais.

O pensamento triádico de categorias heterogêneas entre si, por sua vez são indissociáveis e não há uma harmonia concordante entre elas e por isso o processo de subjetivação sexuada se constitui em clima de tensão.

“Os corpos” reconhecidos por suas identidades de sexo biológico ao nascer: masculino e feminino; “as ideias de gênero” transmitidas pelo inconsciente parental e os impactos vindos da cultura; “os desejos fantasmáticos no campo das diferenças sexuais”. (Fiorini, 2015, p. 199, grifos nossos)

Concordo com Fiorini e me encantei com suas ideias. As indagações que proponho no campo das fantasias inconscientes primitivas se aproximam à compreensão do que ela chama de “desejos fantasmáticos no campo das diferenças sexuais”.

Em continuidade, quero ressaltar a função diferenciadora parental, apresentada pela colega Ema Ponce de León, psicanalista de criança e adolescente da Associação Psicanalítica do Uruguay (APU) da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), que nos auxilia a pensar na importância da presença parental colaborando para gerar significado às experiências arcaicas de constituição psíquica.

Meu ponto de partida para esta reflexão é a importância do trabalho com os pacientes, principalmente na relação pais-filhos, o aspecto

narcísico dos vínculos. Surge marcado pela procura do idêntico, do espelho, da negação da separação e das diferenças em múltiplos níveis: dos corpos, das psiques, das ideias, dos comportamentos, do geracional, e podemos continuar a enumerar um conjunto de planos que envolvem semelhanças e diferenças. O registro e a incorporação de semelhanças e diferenças na percepção do mundo conduz às vicissitudes no reconhecimento daquilo que nos torna humanos: o plano de identificação com o outro, com o semelhante, mas também a alteridade, a noção de que o outro é outro. Isto abre um paradoxo: a constituição do próprio psiquismo, a emergência da linguagem e da cultura; tem uma dupla face de apropriação singular e única daquilo que vem de um outro diferente, e isso marcará o sempre esforço de comunicação. Apoiado neste duplo andaime entre o semelhante e o diferente, o reconhecimento da alteridade é uma tarefa dolorosa e complexa que começa no nascimento e coloca dificuldades ao longo da vida. (Ponce de Léon, 2017, p. 69, tradução nossa)

Os pais serão solicitados a entrar em contato com suas próprias angústias primitivas, ao serem mobilizados pela curiosidade das crianças pequenas a respeito de suas origens e das diferenças dos corpos. Há fontes que subsidiam os pais, em livros, reportagens em periódicos e nas escolas. O teor do apresentado aos pais costuma estar no plano do senso comum e subsidiado pela popularização do conceitos psicanalíticos. Questiono se nesse movimento haveria certo teor disfórico e de rapidez na busca de definições classificatórias com caráter de imediatismo, sem considerar o tempo necessário para o complexo desenvolvimento psíquico, que é longo, inacabado e incompleto processo.

Considerações finais

Estou me preparando para finalizar e deixo com vocês algumas indagações.

Será que na atualidade, busca-se sair das situações de angústia que a complexidade da vida nos apresenta, acreditando em caminhos sem conflitos, admitindo a precoce “escolha” da sexualidade e do gênero das crianças? De modo a esquivar-se da função do adulto em oferecer-se como referência para as gerações que se seguem às suas, como a descrita pela função diferenciadora exercida pelos pais?

Seria a nova versão da autoalienação parental? A busca facilitadora para complexidades inevitáveis, atribuindo aos filhos funções que seriam dos pais/cuidadores?

Nas entrevistas com os pais, tenho observado evidente complacência sobre experiências emocionais relacionadas a sexualidade dos filhos. Há um contexto social que os pressiona pelo “politicamente correto” e pelo temor de expressarem preconceito à homossexualidade e homofobia. Dizem que aceitariam, sem problemas, a “escolha” do filho. Porém, bem próximo dessas propostas há também as que ficam evidentes em outra perspectiva, quando relatam esperanças de encontrarem no filho a expressão identitária masculina ou feminina em ressonância com seus corpos biológicos. Quando sofrimento!

Referências

- Bick, E. (1987). A experiência da pele em relações objetais arcaicas. *Jornal da Psicanálise*, 20(41), 27-31. (Trabalho original publicado em 1968)
- Bion, W. (1962). The psycho-analytic study of thinking. A theor of thinking [Uma teoria para pensar]. *International Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-310.
- Fiorini, L. G. (2015). *La diferencia sexual em debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Lugar Editorial.
- Golse, B. (2004). O que nós aprendemos dos bebês? Anotações sobre as famílias reconstituídas. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (M. C. P. da Silva, rev. técnica, pp. 162-169). Casa do Psicólogo.
- Guerra, V. (2020). Vida Psíquica del Bebé. La Parentalidad y los Procesos de Subjetivación. *Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) y Instituto Universitario de Postgrado em Psicoanálisis*, 59-97.
- Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. (M. C. P. da Silva, Rrev.isão técnica, pp. 21-27). Casa do Psicólogo.
- Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 40-52.
- Moro, R. M. (2025). Os Ingredientes da Parentalidade. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 8(2), 258-273.
- Ponce de León, E. (2017). Función diferenciadora parental: matriz de la alteridad y de la diferencia sexual. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 125, 69-82
- Tustin, F. (1990). O ritmo de segurança. In F. Tustin, *Barreiras autísticas em pacientes neuróticos* (M.C. Monteiro, Trad., pp. 214-226). Artmed.

O livro que você tem em mãos é o resultado de férteis encontros realizados pelas 19 federadas que compõem a Federação Brasileira de Psicanálise – Febrapsi – durante os anos de 2024 e 2025.

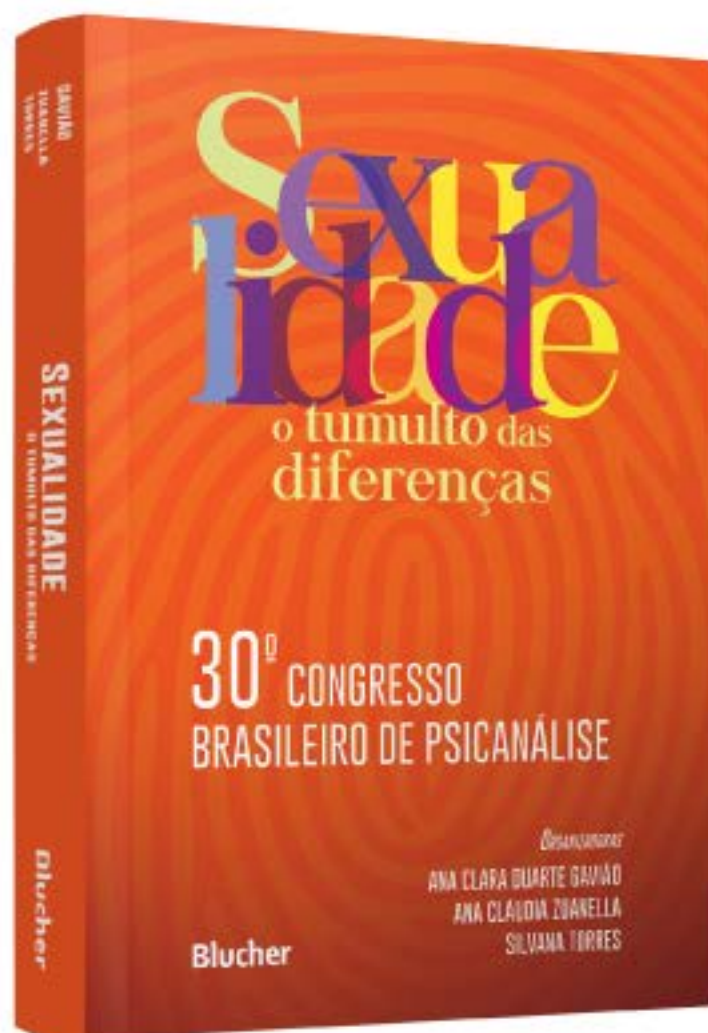
A proposta desses encontros foi reabrir o diálogo sobre o tema da sexualidade, os conceitos de psicosexualidade e corpo erógeno, sua centralidade epistemológica e relevância para a psicanálise contemporânea, como preparação para o debate mais amplo sobre a temática do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, “Sexualidade: o tumulto das diferenças”.

Com esse tema, o Conselho Científico da Febrapsi homenageia o centenário do texto freudiano *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925, criando uma oportunidade especial para revisitar os alicerces teóricos da perspectiva psicanalítica da constituição da subjetividade e toda a complexidade das dimensões intersubjetivas e socioculturais intrínsecas, com atualizações pertinentes à abordagem das neossexualidades.



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Sexualidade

O tumulto das diferenças

Ana Clara Duarte Gavião, Ana Cláudia Zuanella
e Silvana Torres (Org.)

ISBN: 9788521226147

Páginas: 700

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2025
